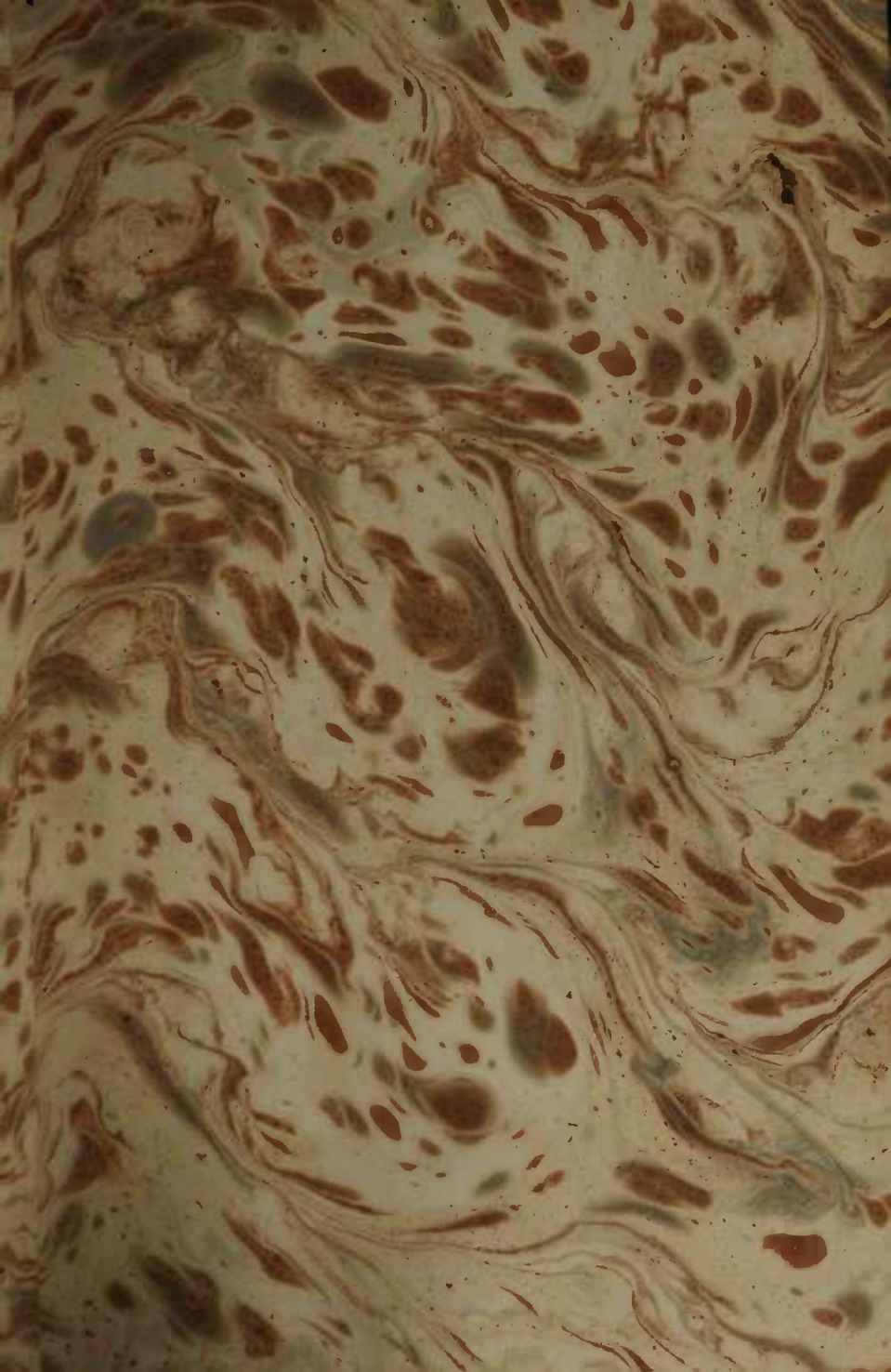




Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



BRASILIA
BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

Sob os auspícios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II

LAURINDO RABELLO

BRASILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL dos melhores auctores nacionaes antigos e modernos, publicada
sob os auspicios de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Já fazem parte desta interessante e monumental collecção as
obras poeticas seguintes :

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Obras completas de) 2 vol. in-8° enc.....	2 vol. 6\$000
Rica encadernação.....	3\$000
IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO (Obras completas de) 1 v. in-8° enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
ALVARES DE AZEVEDO (Obras completas de), 3 v. in-8° enc.....	9\$000
Rica encadernação.....	12\$000
Ficam ainda alguns exemplares in-4° enc.....	15\$000
Rica encadernação.....	21\$000
A ASSUMPÇÃO, poema de Frei Francisco de S. Carlos, 1 v. in-8° enc.	3\$000
Ricas encadernações 4\$000 e.....	5\$000
CASIMIRO DE ABREU (Obras completas de), 1 v. in-8° enc.....	3\$000
Ricas encadernações 4\$000 e.....	5\$000
JUNQUEIRA FREIRE (Obras completas de), 2 v. in-8° enc.....	6\$000
Rica encadernação, 8\$000 e.....	10\$000
GONZAGA, poema por ***. 1 v. in-8°.....	3\$000
Rica encadernação, 4\$000 e.....	5\$000
MARILIA DE DIRCEU, por Thomaz Antonio Gonzaga. 2 v. in-8° enc.	6\$000
Rica encadernação, 8\$000 e.....	10\$000

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS DOS PRINCIPAES AUCTORES PORTUGUEZES, seguidas
de uma extensa noticia sobre a vida e obras do autor, um
juizo critico, apreciações de bellezas, deficitos e estudos de
lingua, publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fern-
nando, obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores
da lingua portugueza, e dirigida pelo Visconde de Castilho
(Antonio), e Conselheiro José Feliciano de Castilho.

ANTONIO FERREIRA. 3 v. in-4° enc. 15\$000, in-8°.....	9\$000
MANOEL BERNARDES. 2 v. in-4° enc. 10\$000, in-8°.....	6\$000
FERNÃO MENDES PINTO. 2 v. in-4° enc. 10\$000, in-8°.....	6\$000
GARCIA DE REZENDE. 1 v. in-4° enc. 5\$000, in-8°.....	3\$000
BOCAGE. 3 v. in-4° enc. 15\$000, in-8°.....	9\$000
JOÃO DE LUCEANA. 2 v. in-4° enc. 10\$000, in-8°.....	6\$000

OBRAS POETICAS

DE

LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO

COLLEGIDAS, ANNOTADAS

PRECEDIDAS DO JUIZO CRITICO DE ESCRITORES NACIONAES E DE
UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA-SYLVA



RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, Livreiro-Editor do Instituto Historico

65, Rua do Ouvidor, 65

PARIS. — **E. BELHATTE**, Livreiro, 14, rua de l'Abbaye.

1876

INTRODUCCÃO

I

ADVERTENCIA

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Publicados com longos intervallos mal chegam os volumes da *Brasilia* a realizar o numero que prometti para complemento de tam patriotica collecção.

Não é minha a culpa se não do público, que mal correspondeu os sacrificios feitos pelo collector e seu edictor, pois ha muito que os auctores promettidos aguardam a ver de entrar para o prelo e de occupar o seu logar de honra em uma publicação que em qualquer paiz seria protegida como um monumento de gloria nacional pelo govêrno me-

nos inspirado do amor da patria. Doe-me a lembrança de que envelheci ajunctando como avaro estas preciosidades e que em breve o sôpro que me apagará a existencia dispersará tambem tantas paginas reunidas com suado trabalho com o qual despendi tempo e dinheiro, que nem sempre tive a minha disposição. Assim Basilio da Gama, Sancta Rita Durão, Antonio José, Claudio Manuel da Costa, Marquez de Paranaguá, Marquez de Maricá, Natividade Saldanha, Lucas José de Alvarenga, José Bonifacio, Lopes Gama, o *Carapuceiro*, D. Beatriz e tantos outros ahi ficam no pó do esquecimento, depois de tanta pesquisa sobre suas obras e ainda sobre as suas biographias, graças á indifferença da patria.

Reimprimindo hoje as obras de Laurindo Rabello (1) satisfaz o edictor os muitos e incessantes pedidos de numerosos admiradores do infeliz poeta que tanto honrou a patria com as suas composições. Apparece apenas o malogrado poeta com parte de seus louros, que os mais bellos d'entre elles lhe desfolhou a sua incuria, companheira de continuos desgostos, deixando-os dispersos e perdidos sobre

o trilho de suas peregrinações n'este mundo, que foi para elle um verdadeiro valle de lagrymas.

As unicas poesias que publicou o auctor em sua vida, com o seu nome, foram as que deu ao prelo em 1855 com o titulo de *Trovas* (2), em cujo prologo disse :

« Uma collecção de trovas em grande parte já publicadas, é o que contém este pequeno volume.

« Queriamos e podiamos fazel-o maior ; mas á face das despezas da imprensa e da grande difficuldade que deveriamos ter em alcançar assignaturas, baldos como somos de um nome conhecido, julgamos mais prudente deixal-o ir assim.

« O titulo que lhe damos, claro deixa que o não fazemos publicar com pretenções a louvores ; sabemos que é talvez dos peiores em seu genero ; porêm, a ver si alguma cousa melhor para o futuro apresentaremos, pedimos ao leitor illustrado que o leia com severa imparcialidade, e particularmente ou pela imprensa não nos faça obsequios em critica,

pois preferimos uma censura que nos illustre, a elogios que nos doirem os erros. »

Tres annos depois da sua morte publicou o bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro novo volume (3) o qual até a pagina 91 não é mais do que a reproducção da edição do auctor. Juntou o illustre edictor muitas poesias ineditas alem de outras que o auctor dera a luz anonymamente ou sob o nome de uma pessoa com a qual conviveu, pseudo-litterato, ou poeta-pirata que entendeu que devia especular com a sua miseria para a troco de um pão negro, com que lhe matava a fome, mercadejar com as suas composições.

Puz todo o empenho para que a presente edição fosse não somente mais completa, como melhor disposta, o que conseguirá ver quem a cotejar com as precedentes.

Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1876.

II

JUIZO CRITICO

O primeiro vagido d'essa criança foi a primeira lava de um volcão, em cuja cratera borbulhavam o pensamento e a palavra, conquistando as fontes do saber; essa existencia era um phenomeno sobre o qual o espirito divino soprára rajadas tão fortes de um talento inspirado, que, como um meteóro, assombrou a todos que o viram em sua rapida passagem, incendiou o mundo de uma luz que a tudo offuscava, como un lathego vivo castigou-o com satyras mordazes, e legoulhe um sorriso de desprezo, ultimo fuzil que desferira da nuvem do desgosto que a vida lhe causára.

Nascêra com elle a poesia, e ainda menino era o encanto dos saráos, onde noites inteiras impro-

visava motese satyras com uma fertilidade inesgotavel e uma graça irresistivel.

Era uma estrella a illuminar uma sala com seus fogos cambiantes ; uma visão que apparecia a contar maravilhas e preciosidades do céo ; uma harpa humana a dedilhar sons que fascinavam os sentidos ; a primavera a derramar flôres e risos pelos jardins do mundo ; a saudade a carpir e verter lagrimas ; um anjo, emfim, a prophetisar os futuros da humanidade.

Estudou as sciencias preparatorias; e em todas as classes foi um gigante, com o qual nem os proprios mestres podiam competir ; e a prova d'esta asserção, que parecerá um tanto arbitraria, está em um exame de philosophia, em que Laurindo reduziu os examinadores á mera posição de espectadores do seu triumpho; sustentando contra elles proposições absurdas com uma dialectica e vigor sophismatico invenciveis.

Era admiravel ver aquella cabeça de Jupiter a despejar torrentes de pensamentos novos e floridos ; a crear theorias com uma profundeza e sciencia, que abysmavam; a discutir com os medicos em medicina, em direito com os jurisconsultos, e em theologia com os padres, e sempre invencivel ficar só manejando o raciocinio e a palavra, como o gladeador na arena á espéra de contendor.

Não lia, adivinhava ; todas as sciencias lhe erão intuitivas, e em poesia era um Bocage pela força da idéa, pela melodia do verso, e pelo repente do improviso.

Quem ha ahi que conhecesse Laurindo, e que não tenha saudades das horas que passou embevecido a contemplar essa catadupa de palavras convertidas em myriadas de encantos ? !... Castro Lopes, Pires Ferrão, invocai os manes de Ferreira Pinto e outros, e descrevei os bellos dias e as bellas noites da casa do bêco do Imperio, em que improvisaveis juntos, e fazieis passar por todas as provas a fecundidade d'aquelle talento ! !...

Saudoso passado de uma mocidade talentosa, cheia de vida e de esperança ! O talento attrahia o talento, as intelligencias se congraçavam, e quaes gladiadores nos circulos de Athenas, divertiam-se nos jogos de suas faculdades. Laurindo era o athleta indispensavel e fazia parte do quadrumvirato que constituia o directorio d'essa republica das letras. Redigiam-se periodicos, sustentavam-se theses sobre philosophia e outras sciencias, e poetisava-se a todos os momentos. O serio, o burlesco, o erotico, o epico, o pindarico, todo genero de poesia, emfim, era exercitado. Faziam mais ; nos improvisos concorriam os

quatro para a confecção de uma mesma poesia, e por tal fôrma se harmonisavam, que parecia obra de um só.

N'esses bellos tempos compoz Laurindo o poêma Alberto, cujo manuscrito disse-nos elle ter emprestado a um Fortunato de tal, que era empregado na typographia do *Jornal do Commercio*. Não apparece semelhante manuscrito, apesar dos annuncios e diligencias que fizemos. E' pena, porque é uma gloria patria perdida, ou subtrahida por alguma gralha que pretenda empavonar-se com a plumagem alheia.

Como não podemos dar a lume esse documento brilhante de um talento portentoso, daremos ao menos uma noticia d'essa obra, que é um verdadeiro thesouro de pensamentos fecundos, coloridos vivazes, animação, encanto e melodia:

Alberto é um padre libertino, que para possuir uma moça por quem arde em paixão libidinosa, frustra os seus licitos amores; em consequencia do que ella se suicida. É tão brutal o amor de Alberto, que mesmo na mulher morta intenta saciar a sêde de sua criminosa volupia, e para isso vai de noite ao feretro, que se acha depositado na igreja; e antes que chegue a realisar tão horrendo crime, tropeça, e cái na cova em que ia ser a moça sepultada; na quéda apaga-se o

archote que illuminava o sinistro e medonho quadro sacrilego, e segue-se uma scena de horror, de arrependimento e de morte.

Ha n'este poema lindos e brilhantes episodios, e entres elles a descripção de uma tempestade, terminando por uma chuva torrencial, onde se lêem os seguintes versos anamatopicos :

E para mais horror de horror tão grande
Raivosa a terra repellia as aguas. •

Este episodio é tão vivo, que sendo lido no gymnasio, fez exclamar a uma de nossas notabilidades litterarias : Está chovendo meus senhores? Era uma noite de excellente luar.

Muitas outras obras escreveu Laurindo : um drama denominado — *Os Anneis de uma Cadeia* outro intitulado — *O Mendigo da Serra* — e muitas outras composições de diversos generos, que elle em jorros produzia d'esse caudaloso talento repentista, mas a que elle não ligava a menor importancia, e por isso se perdêram.

E o nosso Democrito escarnecia o mundo, e cantava ao violão.

EDUARDO DE SÁ.

III

NOTICIA

SOBRE

O DR. LAURINDO RABELLO E SUAS OBRAS

Naquelle anno de 1826, de tam tristes recordações para o imperio, em que se pintava o desgosto nos semblantes dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, viu n'ella a luz do dia um dos mais precoces e brilhantes talentos da terra de S.^{ta} Cruz.

Troava o canhão brasileiro nas aguas do Prata em desaffronta do pavillão auriverde, e ao raiar da aurora de 3 de Junho (4) abria uma debil criança os ternos olhos ao deslumbrante sol dos tropicos, sob este esplendido-ceo de saphyra, no meio d'essas portentosas montanhas que contornam um dos mais bellos ancoradouros do mundo, e que parecem servir de throno ás nuvens das tempestades.

Quem tinha porêem por patria tam magestoso ninho, nascia entre os andrajos de um pobre herço,

n'uma casa de miseravel apparencia, sita á rua do Espirito Sancto desta capital. Chamou-se depois Laurindo José da Silva Rabello, e legou á sua patria e á posteridade esse nome recommendado pelas primicias de seu nobre talento, que em dom fatal lhe dera a natureza.

Foi seu pao o capitão Ricardo José da Silva Rabello, homem de côr, que havia esposado uma pobre moça que chamou-se Luiza Maria da Conceição e que apenas possuia por dote as suas virtudes, nascidas da educação e do exemplo que lhe transmittiram tres velhas, que a crearam, conhecidas pelos nomes das *tres beatas*, autonomazia devida a uma vida cheia de recato e honestidade.

De joelhos ante o berço do debil menino, com as mãos postas e os olhos erguidos para o ceo, elevaram os pobres esposos as suas preces e agradeceram a Deus o primeiro fructo com que acabava de legitimar o seu consorcio. Pediram para elle os dons da felicidade, as venturas do mundo, os risos e as flores da vida, como se o destino já não tivesse lhe marcado na fronte a aureola do genio e traçado na terra o itinerario de sua existencia errante e desgraçada.

Annos depois vieram dous novos fructos do hymineu para augmento da pequena familia, a qual escasseavam todos os meios de subsistencia. Foram elles Maria e Ricardo, e essa trindade filial tornárase as delicias do lar do capitão Ricardo José da Silva Rabello e sua esposa, pois com os seus jogos infantis, seus risos graciosos, seus gritos innocentes, animavam a casa paterna, dissipavam a tristeza de

seus pobres paes, servindo-lhes de distracção e entretenimento.

Passou a idade da infancia com os seus sonhos dourados e seus risos e flores, e com a puericia começaram para Laurindo os estudos rudimentaes. Deixou elle antever no tirocino de sua aprendizagem os lampejos de um talento vigoroso, que mais tarde desabrocharia com admiração de seus paes, de seus professores e das pessoas com quem convivia.

«O primeiro vagido d'esta criança, diz um de seus amigos, foi a primeira lava de um volcão, em cuja cratera borbulhavam o pensamento e a palavra, conquistando as fontes do saber : essa existencia era phenomeno sobre o qual o espirito divino soprára rajadas tam fortes de um talento inspirado, que como um meteoro, assombrou a todos que o viram em sua rapida passagem, incendiou o mundo de uma luz que a tudo offuscava, como um lathego vivo castigou-o com satyras mordazes, e legou-lhe um sorriso de desprezo, ultimo fuzil, que desferira da nuvem do desgosto que a vida lhe causára.

» Nascêra com elle a poesia e ainda menino era o encanto dos saraus, onde noites inteiras improvisava motes e satyras com uma fertilidade inesgotavel e uma graça irresistivel.

» Era uma estrella a illuminar uma sala com seus fogos cambiantes ; uma visão que apparecia a contar maravilhas e preciosidades do ceo ; uma harpa humana a dedilhar sons que fascinavam os sentidos ; a primavera a derramar flores e risos pelos jardins do mundo ; a saudade a carpir e verter lagrymas ; um anjo, em fim, a prophetisar os futuros da humanidade. » (5).

Tam felizes disposições foram aproveitadas por seu pae, e deixando os bancos da escola primaria entregou-se Laurindo ao estudo das linguas e sciencias preparatorias. Caminhava o seu talento adiante de sua idade, e não sem assombro viram os seus admiradores competir com os seus proprios mestres, a ponto de n'um exame de philosophia reduzir os seus examinadores a posição de espectadores do triumpho de sua dialectica e de seu vigor sophistico, na sustentação de absurdas proposições. Não conhecia limites o seu talento descommunal, nem recuou jamais ante discussão alguma, fosse ella qual fosse. Aceitava-a em qualquer terreno por mais desconhecido e escabroso que lhe parecesse a seus conhecimentos. Parecia que n'aquella cabeça se haviam intuitivamente aninhado as sciencias, e que elle adivinhava sem ler, sem ouvir, sem estudar. Era assim que creava theorias novas com uma profundez que pasmava, e que discutia com jurisconsultos em direito, com medicos em medicina, e com padres em theologia, confundindo-os com a facilidade da expressão, que lhe borbulhava dos labios, e vencendo-os com argumentos que lhe accudiam em tropel a sua mente inspirada.

Então já havia o anjo da poesia unguido os seus labios com a palavra sagrada, com os hymnos celestes. Abrazava-lhe o estro o cerebro, inflammava-se-lhe a idéa, e as palavras repentinas, expontaneas, acceras, e como em turbilhão se lhe despejavam dos labios inflammados. Bastava vel-o n'um relance d'olhos para logo se dizer que não era um homem vulgar. Parecia exaltado o seu olhar. Denunciava o seu semblante o desgosto da vida, a indifferença pelas cousas do mundo. Seus modos tinham um não

sei que de distração. Seus gestos resentiam-se de alguma desordem, e seus trajos andavam sempre em completo desalinho (6).

Tornou-se a sua casa, que era a esse tempo no becco do Imperio, um pequeno parnaso. Ahi Castro Lopez, Pires Ferrão, Ferreira Pinto, Eduardo de Sá e outros talentos precoces que a sociedade desviou da senda malfadada ou a mão da morte riscou do livro da vida, adestravam as suas forças poeticas, como atletas da intelligencia na arena do improvviso. Eram redactores de gazetas manuscriptas; philosophos que gastavam o dia inteiro na discussão de theses a mais das vezes absurdas; poetas que concorriam aos quatro na confecção de uma mesma poesia, e de tal modo se haviam e se harmonisavam que a composição sahia vastada de um jacto, como se obra fosse de uma so cabeça (7). Era Laurindo o mais moço d'entre elles, e tambem o mais fogoso, o mais eloquente, porque aquella memoria desabalada, aquella talento repentista, aquella verbosidade estupenda outorgavam-lhe o sceptro da supremacia, e difficil era a seus amigos e collegas o acompanharem nos impetos de seu enthusiasmo quando se accendia, quando se arrebatava transportando-se nas azas do raio á regiões desconhecidas.

Assim corriam os seus primeiros annos quando veiu a desgraça com o seu semblante austero e a sua mão mirrada bater-lhe a porta do triste albergue. Ah já não bastava que alli morasse a pobreza com todos os seus andrajos e miserias, tragando o pão negro por todo o seu sustento. Esse mesmo pão lhe foi arrebatado, e a morte dura e inexoravel enluctou esses andrajos da pobreza.

Aquella irmã, que lhe succedera no berço, aquella linda e interessante Maria, que partilhava com elle os brincos infantis, e ambos com os seus risos e seus gritos animavam o tocto paternal, ai, misera e mesquinha, viveu como a rosa o espaço de uma manhã, e á noite veiu sôpro do furacão, e a esfolhou sobre o sepulchro das maiores das desventuras.

Como Laurindo, nascera a linda menina poetisa, e improvisava com a mesma facilidade e graça que seu irmão. Cantou a independencia das mulheres e compoz bonitos versos sobre os preconceitos da sociedade para com o seu sexo (8). Vieram depois as inclinações amorosas. Amou e a poesia do amor verteu em lindissimas e maviosas estrophes a saudade de seu coração longe do ente que era para ella como uma doce esperança n'este valle de infortunios e lagrymas, em que a existencia se lhe mostrava tam amargurosa. Mas evaporou-se aquella esperança como as illusões de um sonho, que se dissolvem nas trevas da noite. Finou-se o official que era seu parente e que deveria esposal-a, no campo dos combates fratrecidas, em que a patria, pobre mãe desventurada, so tem lagrymas para seus filhos. Consummiu-se a pobrezinha de eterna saudade, mirrou-se á força de chorar, abandonou-a a razão, e louca expirou com o delirio do amor nos labios pronunciando o nome de quem tanto amára e de quem tanto fôra amada (9).

Pranteou elle a morte de um ente que lhe era tam caro, e a poesia da amisade o acompanhou n'esse lance doloroso (10). E ainda bem não tinha o tempo metigado a sua dor, nem a resignação enxugado o seu pranto, quando uma nova e horrorosa

catastrophé seguida ainda de outra não menos terrível, vieram por sua vez enluctar sua alma, reduzir sua familia a dous unicos entes— elle e sua mãe!...

Seu pae, que tam estremecidamente o idolatrava, succumbiu victima do punhal do sicario, e ainda mal lhe havia pago o tributo de suas lagrymas (11) quando o execrando assassinato de seu irmão Ricardo, encheu a cidade do Rio de Janeiro de indignação e horror (12).

Pobre mãe e desgraçado filho! Eram os derradeiros naufragos que restavam de tanta desgraça, agarrados á taboa da esperanza, açoitados pelo vento do infortunio, sem saber a que praia iriam ter, na qual podessem deparar com o mais pequeno e infeliz abrigo.

Haviam-se fechado para Laurindo José da Silva Rabello todas as portas. Luctou sempre com a pobreza e achava-se agora a braços com a miseria que é a nudez, que é a fome, que é a sede, sem um tecto, sem um leito! Possuía porém sua mãe, e era ella o unico elo que o prendia á humanidade, era a sua derradeira consolação, o seu anjo de amor, a sua estrella n'essa noite tormentosa, n'esse ceo de trevas, imagem de sua vida. Precisava pois viver para ella, e que ella subsistisse para elle, mas como com tam tenues e minguidos recursos? Não tinham por asylo mas do que um pobre tecto hospitaleiro e por sustento somente o pão negro da miseria humedecido de lagrymas. Almas caritativas repartiram com elles os frutos de suas suadas economias, e entre elles figuram os nomes de João Antonio da Trindade, homem de côr, professional de uma honradez a toda a prova, que morreu nonagenario, padrinho e amigo

de Laurindo, e de sua mulher Maria Caetana da Trindade, também madrinha do joven poeta.

Ha momentos na vida em que a fatal descrença nos leva a duvidar da nossa própria existencia. Tudo nos parece um sonho e no meio d'esse sonho somos apenas o unico ente que parece existir para tantas illusões, creadas apenas como que para nosso encanto. Deseja-se morrer; anhela-se o pó da campa, o nada do sepulchro. Como é eloquente aquella poesia em que o poeta diz o seu ultimo adeus ao mundo! Seus olhos moribundos bebem os ultimos enlevos da natureza que lhe são dados gozar. Elle não pede suberbos monumentos, tumulos de rei para seus restos. Basta-lhe a mortalha escassa de grosseiro borel, bordada pelas lagrymas de seus amigos. Penetrando os umbraes da eternidade, saúda a mudança que n'elle se opera, pois quem sempre achou a morte no lar da vida deve encontrar a vida no lar da morte (13).

Lançou Laurindo os seus olhos para toda a parte em busca de uma posição. Parece que no meio da desgraça que o opprimia deveria contar com um futuro que o resgastasse de todas as necessidades e abraçar a carreira do commercio, que lhe abrisse mais tarde as portas da opulencia, mas alem da protecção que lhe faltava, aquella alma, torturada pelas catastrophes horrorosas de que havia sido theatro o lar paterno, lhe privando da maior parte da familia, e sobre tudo do braço protector de seu pae, e que tanta falta causava a elle e a sua mãe, so viu na religião christan a consolação que não tinha. Abraçou pois o sacerdocio, e matriculou-se no seminario de S. José.

Obteve ordens menores, e segundo a permissão d'aquelle tempo, alcançou licença para pregar na festa de S. Pedro. Desvaneceu-se o joven Laurindo com o triumpho que lhe assegurava o seu brilhante talento, e indiscretamente começou a recitar diversos periodos de sua oração, que eram ouvidos com pasmo e arrebatamento e que para logo previniram o povo, que predispoz-se a applaudir o novo pregador. Rei do pulpito, chorava Monte Alverne no seu claustro, entregue ás sombras da amaurosis, e a cadeira do evâgelho, que fora o throno de seu triumpho e de sua gloria, jazia entregue á mediocridade. Não viram com bons olhos os pregadores de então a aguia ainda nascente que se afoitava a tomar-lhes o vôo; manejaram as armas da intriga, correram á auctoridade episcopal e conseguiram cassar a licença. Indignou-se o joven Laurindo, e abriu lucta com aquelles que mais tarde deveriam ser seus collegas e que se anticipavam a lhe cortar os impetos da intelligencia e a pôr peas aos arrojões de seu genio. Arripou carreira, e abraçou a vida militar. « Serei soldado, disse elle, e se for preciso, por-me-hei em guerra com toda a humanidade. »

Matriculou-se com effeito na antiga escola militar, onde foi recebido com os braços abertos pelos seus novos collegas, que para logo se tornaram amigos expansivos, admiradores entusiastas de seu talento repentista. Bem de pressa, achou-se Laurindo em continuo divorcio com todos os seus companheiros, victimas de seu genio epigrammatico, mas elles, longe de se mortificarem, riam, applaudiam, incitavam e desafiavam-no cada vez mais áquelles repentinos felizes que a todos maravilhava. Não attendia o joven poeta para o alvo de suas satyras; todos os

pontos vulneraveis lhe serviam ; nada perdoava, e por sua vez foi o filho do director da escola militar a victima da sua musa satyrica, mordaz e chocarreira. Resentiu-se o pae da injuria feita ao filho, e tomou o brinco poetico tam ao serio que não somente trançou a matricula do joven Laurindo como conseguiu do ministro dos negocios da guerra mandal-o recrutar ! Era pôr de mais dura a pena imposta pela prepotencia euthronisada a um talento tam desprotegido da fortuna, e os amigos do joven poeta procuraram por todos os meios que poderam illudir a ordem ministerial. Promoveram uma subscrição e lograram matricular-o na faculdade medica d'esta côrte. A sua vingança foi estrondosa ; director e ministro tiveram por sua vez o seu quinhão satyrico nos improvisos com que o poeta se desforçára.

Ahi na faculdade medica estudou elle os dous primeiros annos luctando com as maiores difficuldades que foram n'uma progressão tal, que deixou de proseguir nos seus estudos por falta de meios. Havia tocado o extremo da miseria e já no calyce da amargura não lhe restava se quer uma gota para seus resequidos labios. Succumbira sua mãe ralada de negros pezares, que mais que as doenças levam a maior parte da humanidade ao tumulo, e seus olhos já não tiveram lagrymas para choral-a. Tinha sido a sua vida n'este mundo um banquete de lagrymas (14).

Só, como um rochedo no meio dos mares batido pelas ondas da tempestade (15). Não tinha mas a quem communicar as suas idéas, que se condoesse de suas dores e soffrimentos (16), pois só lhe restava esperar pela corôa do martyrio (17). Anniqui-

lara-o, matara-o o desprezo d'essa sociedade que tanto exige e nada dá (18), e que somente achára na antonomasia pueril a estúpida qualificação de um talento que tam mal comprehendera (19).

Apenas uma porta se lhe abriu em tanta penuria. A hospitalidade interesseira e infame exigiu de seu talento a paternidade de suas obras, e o joven Laurindo rendeu-se á intimação para não morrer de fome (20). Tomou parte na redacção de varias folhas periodicas (21), mas resistiu com tudo colaborar n'uma gazeta que era contraria ás suas opiniões politicas, e não sem admiração de quem se prevalecendo de suas miserias buscou tental-o com seductoras vantagens.

Viu-o n'essa lueta esteril uma grande alma e condoeu-se de seu infortunio e pois a mão protectora do conselheiro Salustiano Ferreira Souto conseguiu arrancar-o das bordas do abysmo, que ia devoral-o. Foi assim que o joven Laurindo viu pela primeira vez lhe sorrir a ventura, deparando com um verdadeiro protector n'um dos admiradores de seu talento, obtendo um abrigo n'um tecto verdadeiramente hospitaleiro! Mas com que pena, com que saudade não desamparou ainda assim as terras de seu berço natal, e partiu para a cidade do Salvador da Bahia, aqnde ia concluir os seus estudos medicos! (22).

N'essa magestosa rainha do Atlantico que tam risonhamente se espelha de sobre as suas montanhas, como debruçada de um trono, nas aguas do seu immenso golpho, foi acolhido com todo o enthusiasmo que inspirava o sympathico talento de improvisador. Tornou-se o conviva de todos os fes-

tins e a par de Francisco Moniz Barreto, que então impunhava o sceptro do improviso mereceu admiração, arrancou applausos, colheu louros que lhe lucraram estima e consideração que nunca teve no Rio de Janeiro. Assim foi que adoecendo gravemente teve por enfermeiro o Dr. Souto e os demais lentes da faculdade medica, ao passo que no Rio de Janeiro curtiu a febre amarella sem ter um amigo ou um medico á sua cabeceira. Ainda assim não esqueceu as pessoas a quem estimara n'esta côrte, e Paula Brito, que animava como podia as nascentes vocações litterarias, recebia sempre cartas e poesias suas (23).

Lá sobre a terra ensopada do sangue dos bravos que combateram pela independencia da patria, jaz o general Labatut, e um dos primeiros cuidados de Laurindo foi logo que tocou as plagas bahianas lhe tributar a devida homenagem, murmurando sobre o seu tumulo versos inspirados pela gratidão da patria (24). Assistiu depois ao passamento do poeta Junqueira Freire e curvado sobre a sua sepultura, pranteou-lhe a prematura morte lhe dizendo o eterno adeus (25).

Formando-se na faculdade medica da Bahia, não quiz contudo deixar de tomar o grau de doutor na cidade do Rio de Janeiro, onde sustentou these (26) e foi applaudido com enthusiasmo por todos os lendes e estudantes. Despedindo-se da terra hospitaleira, a patria de sua alma, porque o Rio de Janeiro era a de seu coração, quanta saudade não sentiu elle ao desligar-se d'esse terreno abençoado, onde os prantos que derramava brotavam risos, onde sem nome, pobre e enfermo, e esmolando o pão da cari-

dade, buscou as almas illesas do desprezo que sugere aos felizes a desgraça, e encontrou não só amigos como irmãos, e até paes que o abraçaram (27).

Ninguém necessitou mais do que elle da protecção amiga, ninguém tambem foi mais do que elle amigo agradecido. Apesar da expressa prohibição da parte do conselheiro Salustiano Ferreira Souto, não pôde o joven Laurindo se conter e procurando na sua pasta algumas de suas poesias compoz com ellas um modesto ramalhete a que deu um titulo despretençioso (28) e dedicou-o a seu mestre e verdadeiro amigo (29).

Mas estava aberta para elle a carreira da vida? Tornára-se independente com a subsistencia adquirida por meio do seu trabalho? Tem suas exigencias e formalidades a sociedade humana. Era Laurindo medico, mas não tinha clinica, nem esperança de obtel-a! O vidente, que sonhava accordado, que gesticulava como quem a sós fallava com a sua alma, que tinha um olhar desvairado no qual se lia a actividade de seu espirito, que mostrava em seus modos certa distração, que patenteara em seus trajos tanto desalinho, era improprio para inspirar confiança á cabeceira dos enfermos, e conseguir proselytos que acreditassem na sua diagnostica. Faltava-lhe a impavidez da impostura, uma tal ou qual imposição pedantesca, e esse desembaraço do charlatanismo que a muitos vale mais do que a sciencia que estudam. Eram tambem os proprios collegas os primeiros a procurar o seu **descredito**, asseverando em tom dogmatico que elle jamais conseguiria ser bom medico sendo poeta.

O quê lhe convinha fazer? Recuar, dar de rosto a sciencia e procurar novo trilho no caminho da vida? O que mais poderia ser senão poeta quem para poeta nascera? Luctava pois com estas difficuldades quando um dia lhe veio a idéa encontrar não um doente, mas um batalhão de doentes. Riram-se os seus amigos, mas Laurindo voltou-lhe as costas, e subiu sem recommendação de qualidade alguma as escadas da secretaria da guerra e apresentou-se á audiencia do ministro. Acolheu-o o conselheiro Jeronymo Francisco Coelho com aquella benignidade que lhe era peculiar, e admirado de vel-o tam só e desprotegido de empenho, sympathisou com a sua intelligencia, condeou-se de sua sorte, e por decreto de 23 de setembro de 1857 foi nomeado segundo cirurgião tenente do corpo de saúde do exercito. Com este posto seguiu a 5 de dezembro para a provincia do Rio Grande do Sul, afim de servir no corpo do exercito em observação, mandado organizar por decreto de 3 do mesmo mez e anno.

Voltou a servir na guarnição da côrte a 29 de Março de 1858, e com jubiloso contentamento saudou do largo oceano as montanhas de granito de seu patrio ninho (30). Ganhára uma posição social muito honrosa, e n'ella accreditou-se; adquiriu sinceras amizades, contou amigos entre as mais elevadas classes da sociedade, e decidiu-se a tomar estado, realisando o sonho de seus amores e ligando-se áquella que por tanto tempo fora a predilecta de sua alma, a amante de seu coração, a musa de suas canções maviosas, e que só possuia por dote um thesouro de virtudes. Casou-se pois a Rio de Janeiro de 1860 com D. Adelaide Luiza Cordeiro.

Foi de novo servir na provincia do Rio Grande do Sul, para onde partiu a 5 de Abril d'aquelle anno, e d'onde regressou a 6 de Abril de 1863. Apesar de seu genio distrahido, procurou corresponder a confiança que n'elle depositára o ministro da guerra, que o nomeára, e deu as maiores provas de dedicação, de zelo, e de honestidade. Mereceu a estima de seus superiores, grangeou-lhes a amisade, e provocou-lhes os maiores elogios. Era no seio da amisade o poeta inspirado, que encantava com as suas poesias, que prendia a attenção com a sua conversação, ou divertia a todos com as suas satyras; era na escola militar o professor de francez que terminava as lições no meio dos applausos de seus alumnos; era em fim no tribunal dos jurados o advogado defensor dos reos que combatia sem interesse algum para si as accusações da justiça e obtinha a absolvição para os seus pobres clientes. Contou entre os seus numerosos amigos o general Tamarindo, cuja morte o encheu de consternação, e debruçado sobre a sua campá improvisou um eloquente discurso em que compendiou os seus importantissimos serviços prestados á patria nos campos de Pirajá e Moran (31). Mostrou-se o general Caldwell em extremo sentido com a sua vinda para esta côrte, o que prova o caso que fazia de seu merito.

Foi nomeado por decreto de 4 de Junho de 1863 professor de grammatica portugueza, historia, e geographia da escola preparatoria annexa a militar, e medico dos alumnos (32). Era o emprego que elle mais estimava. Nascera para o magisterio. Valendo-se da sua verbosidade excedia-se na discussão dos pontos controversos da historia, de modo a engran-

decer o acto da traição de Calabar, tornando-o um heroe, vibrando as cordas do patriotismo e comovendo e arrancando bravos de enthusiasmo ao seu auditorio. Outras vezes fallava exuberantemente sobre aridas questões grammaticaes, sem cançar os seus ouvintes e foi assim que captou a attenção do Imperador quando se dignou visitar a aula de grammatica, orando eloquentemente pelo espaço de duas horas sobre o adjectivo.

Já por este tempo havia se modificado o seu genio folgazão, e satyrico. Deixára de cantar os seus versos ao som do violão, no que era insigne, habilidade espontanea, que lhe lucrára algumas vezes não passar o dia inteiro e ainda semanas em completo jejum. Um ar sombrio lhe revestia o semblante de pesada melancolia. Já não era o mesmo homem de repentes felizes, de bellos improvisos, e maviosas modulações. Minava-o a cruel enfermidade que tinha de leval-o a sepultura, resultado das privações que curtira, dos desgostos que soffrera na sua vida de miserias, que no tempo em que para todos é de flores só para elle fôra de pungentes espinhos. Era quasi sempre contrafeito o seu sorriso, pois havia no fundo de sua alma mais de um motivo para eterna tristeza.

Que lucta estoica sustentou elle na sua enfermidade com as suas dores e exarcerbações. Vigorava-se na crença de seus paes, fortalecia-se na fé, e com os olhos fitos no ceo procurava occultar as suas lagrymas. Sentia a tuberculisação dos pulmões, lia os seus progressos na tosse que o afogava com suas golfadas de sangue, devorava-o a febre que o queimava, e elle trabalhava com a força e avidéz de seus

bellos dias! Torturava-o a idéa da miseria em que ficaria sua esposa e procurava deixar-lhe por herança um compendio de grammatica portugueza (33) para a escola militar, o qual concluiu com grande satisfação, e quando começava a lançar sobre o papel os prolegómenos de um novo livro para instrução do soldado, o mal que se exarcerba e as forças que se lhe diminuem. Agonizante, como o naufrago que ve fugir-lhe a taboa de salvação, corria os olhos sobre as ultimas paginas que escrevia, calculava o muito que ainda lhe faltava para concluir e o pouco que já lhe restava de vida na ampulheta da morte e uma lagryma lhe rolava nos olhos. « — Não concluirei, exclamava elle, este livro que minha mulher poderia ao menos trocar por um pedaço de pão! »

Troava de novo nas aguas do Prata o canhão brasileiro em desafronta do pavilhão auriverde. Saudára-o na aurora da existencia e vinha, trinta e oito annos depois, mesclar-se ás descargas de seu funeral. Pallido e triste despontou para elle o dia 28 de Setembro de 1864. Sentia a mão da morte gelar-lhe o coração. Pediu papel e escreveu o *Ultimo canto do cysne* (34). Leu depois com a voz entrecortada de soluços os séntidos quartetos que traçára. A esposa, que lhe sustinha a cabeça entre as mãos, desfazia-se em pranto. Cobrando o animo que lhe ia faltando e arrancando-se-lhe dos braços, disse como que cheio de vigor :

— Mulher, não chores. Resigna-te porque preciso de tua coragem para me ajudares n'esta hora extrema. E'a morte uma separação como qualquer outra. Temos todos nós de fazer esta viagem e nos

tornaremos a ver na eternidade. A differença é que eu vou primeiro para illuminar-tê o caminho. »

Reclamou depois um padre e confortado com os soccorros da religião, começou a discorrer sobre a bemaventurança. Inspirava-o a fé, ungiu-o a contrição, e seus labios, como sempre, tornaram-se eloquentes. Presentiu depois o momento da fatal angustia... e abraçando-se com a imagem do Redemptor, sacudiu as vestes terrenas salpicadas de tantos espinhos, e abrindo as azas da immortalidade voou ao seio de Deus.

O sol havia desaparecido no horizonte.

As' miserias da vida succederam bem de pressa as pompas da vaidade, e o pobre plebeu na vida, diz um de seus amigos, foi um príncipe na morte (35).

Apesar dos desejos que manifestara, quando pediu por mortalha os andrajos que lhe dera a desventura, foi riquissimo e pomposo o seu sahimento. Rico coche, grande prestito, guarda de honra, descargas de fusilaria, musica funebre, formaram a sua derradeira homenagem. Acompanharam - no porêm sinceros amigos á sua ultima morada, e com as flores, que lhe desfolharam sobre a sepultura, orvalhadas das lagrymas da saudade, disse a poesia o seu derradeiro adeus (36).

Jaz sepultado no cemiterio de S. João Baptista, tendo por companheiros no chão da morte a Alvares de Azevedo, Justino Xavier de Moraes e outros.

Foi Laurindo José da Silva Rabello um eminente poeta e pena foi que tam descuidado se mostrasse em prezar as producções de seu espirito. Como filho pródigo dissipava as suas riquezas ou confiava-as a

mãos descuriosas, e assim perdeu-se a maior parte de suas composições. Seguiu tanto no fundo como na forma a escola do Sr. D. J. G. de Magalhães, visconde do Araguaia, quando com os seus *Suspiros poeticos e saudades* abriu á poesia brasileira novos horisontes, até então abafados pelas sombras caliginosas do polytheismo dos gregos. Como José Bonifacio, adoptou as estrophes irregulares na maior parte de suas poesias. A sua rima é rica e variada, mas não guarda simetria alguma no uso das agudas e graves, segundo a regra observada pelos italianos e seguida pelos nossos melhores poetas. São seus versos harmoniosos e raro é encontrar algum mal medido ou cesurado (37).

Pouco publicou durante a sua vida; satisfaziám-lhe os applausos das turbas, e ainda assim ha n'aquelle pequeno volume de poesias que chamou *Trovas* muitas produções dignas do seu estro. *O Adeus ao mundo*, *A minha resolução*, *A Bahia*, *A morte de José de Assiz*, e ainda outras, são composições cheias de elegancia, de bellezas, e de harmonia; abundantes de imagens poeticas e repassadas da mais doce e maviosa melancholia, que nada tem de ficticia.

No que se mostrou mais eminente foi sem duvida no improviso, e o que nos deixou para prova de seu talento de improvisador mal póde dar uma idéa do prodigio de seu estro repentino. Todos os seus sonetos eram compostos de improviso e se com mais cuidado cultivasse este difficil genero bem nos podera legar composições que corressem parelhas com as melhores de Bocage.

Perdeu-se o seu maior titulo de gloria que era o

poema romantico *Alberto*, composto ainda nos seus primeiros annos, no qual narra os amores de um padre libertino, causa do suicidio de uma donzella, por quem ardera em libidinosa paixão. A eça estava armada na igreja de Sancto Ignacio Garcia; o cadaver da linda moça achava-se depositado sobre ella para ser encommendado no dia seguinte, afim de ser dada á sepultura, que alli se via aberta. O amor brutal de Alberto o levára a saciar a sede de sua concupiscencia n'um cadaver depositado n'um logar sagrado, mas antes que realisasse tamanho sacrilegio, tropeçou e caiu na cova em que ia ser a moça sepultada; apagou-se-lhe o facho que illuminava tam sinistro quadro, e o padre horrorisado recuou ante o negro attentado; viu a mão de Deus que o detinha, e arrependido de seu crime expirou alli aos pés da eça, abraçado com a Sancta Cruz. Havia por todo o poema brilhantes episodios, discrições animadas, dialogos cheios de vida e interesse, versos onomatopicos, e um colorido vivo e animado que lhe dava grande realce. E' de crer que ainda um dia appareça e veja a luz da publicidade, tam bella producção.

Entre as composições em prosa, que escreveu, citam-se tambem dous dramas que desapareceram, *Os anneis de uma cadêa*, e *O mendigo da Serra*, e bem assim outros escriptos em diversos generos, que elle produzia com a maior facilidade para lhes não ligar a menor importancia.

E' por isso maior a sua fama do que o merito que lhe resulta de tudo quanto nos deixou e pode servir para ser aquilatado pela posteridade.

J. NORBERTO DE S. S.

IV

POESIAS

A

MEMORIA DE LAURINDO RABELLO

SONETO

Genio, acorda! Propicio é o momento
Da voz ergueres fraca e denodada!
Ah não durmas, desperta! A patria amada
Tem precisão de ti, de teu talento.
Porém como, se frio e sem alento
Jaz teu peito, se a bocca está cerrada?!
Ai, já vida não tens; a morte ousada
Alfim te desfechou golpe cruento.
Philosopho christão, da vida as fezes
Tragaste na penuria e enfermidade,
Sobranceiro zombando dos revezes.
Poeta! Do teu estro a immensidade
Elevou-te em seus voos tantas vezes
Que um d'elles te lançou na eternidade.

PIRES FERRÃO.

Dorme alli.... na estreita tumba
Titaneo genio.... deixai :
Não vêdes que nem retumba
De saudade acerbo ai?
Que importa a historia do morto
Ante um seculo absôrto
Na mais nefanda ambição?
Sob a lousa enregelada
Jaz essa gloria deixada
Nas brumas da solidão!...

Do genio rei, o fadario
Sempre foi o mais fatal :
Sempre a paixão por sacrario,
Mas sempre Deus por fanal !
Sempre a ausencia de carinhos,
Sempre as marchas sobre espinhos,
E tredos bulcões além...
— Por paga das harmonias
O gelo das ironias,
Da populaça o desdem !

Nefasta estrella do genio
Que a sorte ao vate mandou,
Sobre enlutado proscenio
Do vate a sorte findou!...
« Quem morreu »? diz louca turma,
« Foi elle? Embora, que durma

« Quem sempre a sonhar viveu » !
• O que quiz? que fez? quem era ?
« — Foi um heroe na chimera,
« Um pobre doudo... morreu! »

Morreu, romeiro sublime
Desdenhado, pobre e só,
Da patria sorrindo ao crime
Ao deixar seu corpo ao pó !...
Morreu!... Mas ah ! morre acaso
O sol tombado no occaso
Deixando a terra a chorar?
Não morre não, vae altivo
Brilhar mais bello e mais vivo
D'outra aurora ao despontar !

Como ingente se inspirava
Pelo fogo das magias.
Quando a fronte se banhava,
No suor das agonias !...
N'um seu delirio radioso,
Sendo o David sonoro
Na lyra que o céu lhe deu,
Era o Job soffrendo crente,
Protomartyr penitente
Sobre o horto onde morreu!...

Nas febres do enthusiasmo,
Palpitante de altivez,

Levava as turbas ao pasmo
Curvando-as logo a seus pés !
Era um cofre de sciencia
Catadupa de eloquencia,
Da poesia viva lei ;
— Rei poeta sobre um throno,
Poeta-rei no abandono,
Na desgraça inda foi rei !

Nas contorsões da eloquencia,
Na exaltação do saber,
Era o anjo da imponencia
Vingando o proprio soffrer !
Da idéa n'um claro disco
Cada phrase era um corisco,
Cada sentença um vulcão !
E a turba attrahida em massa
Ante o filho da desgraça
Rojava a face no chão!...

Nas flammas de inquietos olhos,
Da febre na viva luz.
Era o genio sobre abrolhos
Gemendo ao peso da cruz !
Era o cysne gemebundo
Sobre os paúes deste mundo
Sonhando os mundos d'além...
Esgotou da dôr a taça

E de desgraça em desgraça
Chegou á fome tambem!...

A' fome, sim : muitas vezes
Da fome ao vulto tremeu...
Mas callado, até ás fezes
De maldicto fél bebeu!
Quando elle o triste sorria
Oh! meu Deus! como exprimia
Pungente historia de dôr...
Do infortunio sobre o throno,
Era um bardo no abandono,
Mas um heróe no valor!...

Eu o vi — rei da harmonia
Da dôr na arena de — pé!
Maldizendo a covardia
Na magestade d'á fé!...
Eu o vi — nos seus cantares
Sobre as praças populares
Erguer da idéa o pendão,
E depois de mil victores,
Eu o vi votado ás dôres
Pela ingrata geração!...

Ante o emblema da materia
Que marca um **sec'**lo infeliz,
Elle se ergueu — fronte séria —
Mas sem curvar a cerviz!

Viu o incenso em falsas áras,
Por terra mil fronteS claras,
E escuras fronteS no altar!...
Na tumba das utopias
Preferiu ser Jeremias
A ser *Voltaire*, e marchar!..

Morreu.... mas não! Podem bardos
Como Rabello, morrer?
Quem marchou por sobre cardos,
Quem foi heróe no soffrer?
Morrerá o sol acaso
Quando tomba lá no occaso
Deixando a terra a chorar?
Não morre, não; vai allivo
Mais fulgurante e mais vivo
N'outro hemispherio brilhar!..

Lá sobre o Empyreo descansa,
Esse orgulho do Brazil,
Esse martyr da esperanza,
Esse bardo senhoril...
Se em vida teve o desprezo
Sobre o seu tumulo — acceso
Da verdade o facho está...
Um dia o Brazil desperto,
Padrão de glórias coberto
Nessa campá buscará!

Por enquanto, estreita tumba
Só delle sabe... deixai :
Não vêdes que nem retumba
De saudade acerbo ai?...
Que importa a historia do morto
Ante um seculo absorto
Na mais nefanda ambição ?
Pobre lousa enregelada
Cobre essa gloria deixada
Nas brumas da solidão!...

CARLOS FERREIRA

Quem a morte encontrou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

L. RABELLO

I

Té dos Andes aos pincaros se libra
Alteroso Condor — do espaço rei, —
A aguia altiva n'amplidão dos ares,
O céu roçando com as ligeiras azas,
Só beija o solo quando hervada setta
A fere em meio ao vôo sublimado ;
Como elles tambem ao céu te alaste,
E a morte, a morte só te fez baixar.

Genio, quedaste pelo chão da morte
Em hora negra para os que te amavam,
E que absortos contemplavam mudos
Os assomos brilhantes dessa mente
Que ia tão longe — ao céo pedir por certo
Essas inspirações — primores d'arte,
Flammas luzentes de um fanal immenso.

II

Eras poeta! A natura
Dons de subido valor
Comtigo espalhou profusa;
Erguido do genio a altura
Foras da patria cantor,
Do Brazil foras a musa.

Sim! foras deste Brazil
Qual foi p'ra Lysia Camões,
O vulto de maior gloria,
Se o fado que foi-te hostile,
Desse-te em vez de afflições,
Vida menos transitoria.

Quem houve que ouvisse as fallas,
Repletas de pensamento
De tão soberbo orador,
Que não se lembre das galas

Desses rasgos de momento
Do enthusiasmo ao calor?

Os arcanos da poesia
Os mais intimos, fecundos
Devassava o teu olhar;
Graças, primor e magia
De seus segredos profundos,
Só tu sabias achar.

Podéras deixar teu nome
Cercado da luz da gloria
Nas estrophes da Epopéa;
De Homero o divo renome
Dar-te-ha brazilia historia,
Embora falte a Odysseá.

Desse epico momento
Flôr de luz, do céo brilhante
De tua imaginação,
Perduravel documento,
E' o improviso pujante
Do poema, Alberto, n'acção.

Dessa pleiade valente
Que olhos fitos no porvir
Inda nas letras tem fé,
Foi lidador, e ardente;
E a patria que o vê cair,
Ha de o busto erguer-lhe em pé.

Se hoje a patria emudecer
Ante a gloria deste filho,
Que tratou como bastardo,
Cumpre aos vindouros erguer,
(De Lysia seguindo o trilho,)
Monumento embora tardo.

Viveu, morreu como Genio,
A sorte sempre contraria
Deu-lhe os transe da pobreza;
Que nas taboas do proscenio
Desta existencia precaria
Pouco espirito é riqueza.

No triste valle do pranto,
Noite de dôr, seu fadario,
Foi levar pesada cruz!
Soffreu muito! soffreu tanto!
Mas inda no seu Calvario
A crença o enche de luz.

Justo, sabio e virtuoso
Sabe elle a morte encarar
Sem horror, e com firmeza;
No momento doloroso
Ao seu Deus, sem trepidar,
Deu sua alma em fê accesa!

III

Sou brasileiro ; choro a tua perda,
Porque em ti o Brazil perdeu dos filhos
Talvez o mais distincto ; era-te amigo,
Choro tambem o coração que frio
Agora não palpita estremecido
Aos mais nobres affectos como outr'ora ;
Coração que se abria ás expansões
Sinceras e leaes dos que te amavão,
Thesouro de sentir, erario santo,
Onde guardavas a moeda pura
Da franqueza vasada pelos moldes
De uma alma generosa e magnanima.
Eu choro a tua morte, e a linguagem
Que escolhi p'ra dizer-te o ultimo adeos,
Foi a que cultivaste e ennobreceste
E me ensinaste um dia quando ainda
Balbuciando os meus primeiros cantos
Me animaste, e applaudiste a mim tão pobre
D'esses effluvios inspirados, tantos
Que em ti sobravão p'ra saudar os outros.
Ai ! mestre, adeus ! de mim nunca esquecido
Serás na vida que arrastando vou ;
E como emblema da saudade infinida,
Que nossa alma a pungir acerba fica,
Venho depor na humilde sepultura

De ti, oh meu Laurindo, esta corôa
Pelas mãos da amizade entretecida
De funereos cyprestes e saudades.
Se do sol ao calor do chão brotárão,
Se ao orvalho do céo criarão viço,
Ao calor das lembranças que tu deixas,
Ao orvalho dos prantos que te damos,
Hão de o viço e o frescor guardar p'ra ti.
Meu Deus ! Dai-lhe o descanso após a luta.
Que travou com o infortunio cá na terra ;
Dai-lhe a gloria que bem a mereceu,
Pois das glorias terrenas os trophéos
Immorredouros, mil esparsos ficam,
Quaes fulgentes scintillas, igneo rastro
Do meteoro de luz que se atufou
Pelos negros dominios do sepulchro,
Onde o sol e a luz é sempre trevas,
Silencio, solidão, horror e noite !

IV

Cessai, meus olhos, esse pranto amargo,
Cessa, meu peito, teus doridos ais ;
Missionarios de Deus na terra os genios
Soffrem : é lei que rege os seus iguaes.

Faróes de luz na estrada d'esta vida,
Guiam a estulta e louca humanidade !

Lança sobre elles o desdem o mundo,
E esforços paga n'um sorrir — maldade!

Loucos sublimes, os apupa o vulgo,
Tudo lhe negam, até mesmo a gloria.
Até que um dia, a nova geração
Lhes vinga o nome, — com immortal memoria.

Nobres e ricos, que valeis ante elles?
Rasteiros vermes ante a aguia altiva!
Brazões, thesouros, tudo desaparece,
Mas do genio a lembrança é sempre viva.

Tu que eras genio, como morrer podes?
De Homero e de Camões morreu a fama?
Como a delles tambem vencendo os seculos
A tua viverá da gloria á chamma.

Ádeus, não mais pranteio-te, Laurindo,
Que póde agora contra ti a sorte?
A morte achaste pelo lar da vida,
A vida encontrarás no lar da morte.

COSTA BRITO.



NOTAS

(1) *Rabello*, escreveu sempre o auctor, e por isso conservei a sua orthographia. O Sr. INNOCENCIO DA SILVA no seu *Diccionario bibliographico luso-brazileiro*, t. V, p. 169, escreve *Rebello*, e chama a attenção sobre a orthographia do auctor. Tambem ha *Camaras* e *Cameras*, *Andradas* e *Andrades*, etc., que nem uma razão sabem dar porque escrevem de um ou de outro modo. Em Pernambuco a familia *Cavalcanti* se destingue de um ramo menos nobre que se assigna *Cavalcante*, e não sem enfatuado alarde, pelo puritanismo da raça!

(2) *Trovas de Laurindo José da Silva Rabello*, natural do Rio de Janeiro. Rio, Typ. de N. Lobo Vianna & Filhos, 1855, 1 vol. in-8º de 102 pag., alem da que traz o indice. Contêm o prologo, uma dedicatória, e vinte composições.

(3) *Poesias do Dr Laurindo José da Silva Rabello colleccionadas pelo bacharel Eduardo de Sá Pereira de Castro e por elle offerecidas a S. M. o Imperador*. Rio, Typ. de Pinheiro & Comp., 1867, 1 vol. in-4º. O prologo occupa as paginas III a XXVII, e as poesias em numero de 47 as de 1 a 173. Não tem indice.

(4) EDUARDO DE SÁ diz na sua biographia, impressa nas poesias colleccionadas por elle, que foi n'esse dia. O Sr. INNOCENCIO DA SILVA, no seu *Diccionario bibliographico* traz a data de 8 de Julho.

(5) EDUARDO DE SÁ, na biographia citada.

(6) Elle mesmo o diz no *Meu segredo* :

Estas rugas, que trago sobre as faces
Os modos distrahidos,
A constante desordem do semblante,
Dos gestos, dos vestidos...
Revela tudo um segredo
Que o mundo não sabe ler, etc.

(7) Eis aqui alguns d'esses improvisos que nos foram conservados pela memoria de EDUARDO DE SÁ, um de seus amigos e seu biographo edictor :

MOTE

Soa o bronze, expira o dia,
Eu triste fico a gemer ;
Eis qual vive o infeliz
Eis aqui pois meu viver.

GLOSA

Ja luziu no firmamento
Do sol a luz radiante,
Já seu raio fulgurante
Deu ao mundo luzimento ;
Com sublime encantamento
Já espargiu a allegria ;
Porêm, oh ceo, quem diria
Que o sol havia expirar ?!
Lá o vejo descambar,
Soa o bronze, expira o dia.

Vendo pois da natureza
O quadro todo mudado
Comparo-me ao seu estado,
Me punge mortal tristeza
Já não vendo essa belleza
Que o sol faz o mundo ter,
Vendo a noite já descer
Com suas cores de morte,
Lendo n'ella a minha sorte.
Eu triste fico a gemer.

Assim entregue ao azar
Triste victima do fado,
Vivo sempre contristado,
E de continuo a penar ;
Debalde busco encontrar
Da felicidade o matiz
Tudo que me cerca diz :
« Ve lá das trevas no horror
A imagem triste da dor ;
Eis qual vive o infeliz. »

Ouço a sentença da sorte,
Mais se magoa o meu peito,
E ainda á vida sujeito
Lamento não ver a morte ;
De dor em vivo transporte,
So desejo não morrer ;
Desejo então mais soffrer,
Porém como sou captivo
Nem posso morrer nem vivo
Eis aqui pois meu viver.

O seguinte mote :

Junto de uma sepultura,
A' sombra de seu salgueiro,
Lamentando a minha sorte,
Chorei o meu captiveiro.

Foi por elles glosado assim :

Como rompe scintillante
O fuzil ferrenho veo
De tempestuoso ceo
E o deixa negrejante,
Nasceu, morreu n'um instante
A minha doce ventura ;
Afflicto em tanta amargura
Buscando então consolar-me,
Solitario fui sentar-me
Junto de uma sepultura.

Alli, triste meditando
Em minha cruenta sorte,
Parcia estar co'a morte
Horas felizes passando.
Da brisa o susurro brando,
A corrente do ribeiro,
Das flôres o grato cheiro.
Nada achava então suave ;
Era qual dos mortes ave
A sombra de seu salgueiro.

Toquei a lage pesada
Penetrado de agonia,
Sentiu essa pedra fria
Minha alma triste gelada.
Eis que a voz descompassada
Ouvi do cantor da morte ;
Pareceu-me em um transporte
Seu triste assento escutando,
Que tambem estava chorando
Lamentando a minha sorte.

Então já desesperado
Entregue a pungente dôr,
Conheci todo o rigor
De meu deshumano fado ;

E n'esse penoso estado,
A'sombra d'esse salgueiro,
Que me era tão lisongeiro
Por exprimir minha sorte,
Em tristes hymnos de morte
Chorei o meu captiveiro.

Este mote

Quebrou amor por despeito
As cordas da minha lyra

Produziu as seguintes glosas :

Porque me não viu sujeito
De Marilia aos ternos braços,
De minha ventura os laços
Quebrou amor por despeito.
Com isto não satisfeito
Cego nume acceso em ira,
Do estro o fogo me tira,
E desde o fatal momento
Rebentaram sem alento
As cordas da minha lyra.

—

Um cartucho de confeito,
N'um dia de patuscada,
Nas ventas da minha amada
Quebrou amor por despeito.
Ella vendo o tal sujeito,
Com uma pedra lhe atira ;
Mas amor p'ra que o não fira
Faz o corpo desviar,
E a pedra foi quebrar
As cordas da minha lyra.

Este :

Pagode sem bebedeira
Não é cousa de rapazes

Foi glosado pelo seguinte modo :

O meu bem em certa feira
Em que comigo se achava
Disse que não adoptava
Pagode sem bebedeira.
Reprehendendo-a da asneira
Lhe disse: « Marcia, o que fazes? »
Ella então fazendo as pazes
Respondeu-me com carinho:
« Gentes, pagode sem vinho
Não é cousa de rapazes. »

Este outro :

Ou são quatro as graças bellas
Ou tu és uma das tres

Deu a seguinte glosa :

Ou no becco das Cancellas
Ha uma graça fugida
Por vir do empirio corrida,
Ou são quatro as graças bellas.
Uma moça igual a ellas
Lá encontrei uma vez
Em certa noite de Reis,
E lhe disse por chalaça:
Ou ha de mais uma graça,
Ou tu és uma das tres.

Finalmente o mote

*Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.*

Teve por glosa esta decima ou colxeia :

Ao meu cruel dissabor
Vou morrer ; vem dar-me Armia
Como tocha da agonia,
Um só momento de amor.
Dá-me, dá-me por favor
Um suspiro, um ai maguado ;

Que um ai de amor temperado
Em duro e cruel transporte,
Até nas ancias da morte
Faz feliz um desgraçado.

(8) Estas composições ineditas foram confiadas por seu irmão a uma pessoa, que nunca mais as restituiu. Uahi por certo nas mão de algum colleccionador, que aguarda a occasião de convertel-as em moeda corrente. É moda do tempo.

(9) « Nos registros consummidos pelas traças do tempo, diz Eduardo de Sá, ainda a memoria pôde conservar uns versos d'essa bella producção e que prestam o serviço de dar idéa do genio e do sentimento da auctora; eil-os :

« E n'essa embarcação onde te ausentas
Do convez vendo a terra ou mesmo as aguas,
Se o pensamento te disser que existo,
Peza um pouco o rigor das minhas maguas. »

(10) Antonio Augusto de Mendonça Junior a quem elle dedicou a poesia *Saudade branca*, chorou com o joven poeta a morte de sua irmã.

(11) Chorou-o na poesia *O meu segredo*.

(12) Apareceu esse pobre menino assassinado na gruta dos Quilombolas, do morro do Corcovado, no dia 7 de Março de 1852. O seu assassino, Miguel Joaquim da Cunha, foi condemnado pelo jury d'esta Corte, em sessão de 31 de Outubro de 1853, a galés perpetuas, pena que llic foi commutada em 12 annos de prisão com trabalho em segundo julgamento, em 9 de Maio de 1854. Nunca crime mais hediondo, e por motivos mais torpes chamaram a attenção publica para um dos julgamentos mais celebres de que ha lembrança nos tribunaes brazileiros.

(13) Poesia *Adeus ao Mundo*.

(14) ... São meus prazeres
Um banquete de lagrymas!.....
A minha vida.

(15) Unico vivo,
Em pé sobre um rochedo.....
O meu segredo.

(16) Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto
Que de tanto gemer desfallecido
Nem se quer movo os echos com meu pranto!
O que são meus versos.

(17) Actor no palco estreito da desgraça,
So espero a coroa do martyrio.
O que são meus versos.

(18) Sahiu una vez sem gravata e um amigo lhe notando esta falta, respondeu Laurindo : « Ora e isso o que importa? A sociedade exige tanto e não dá nada! »

(19) Alto e por demais magro, seu corpo se requebrava a cada passo, como se desengonçando ; applicaram-lhe por isso o alcunha de *poeta lagartixa*.

(20) *O septenario poetico* foi impresso como obra do famigrado poetaço Ignacio José Ferreira Maranhense.

(21) O Sr. Innocencio da Silva cita no seu Diccionario bibliographico, t. V, p. 169 os seguintes jornacs como collaborados por elle e publicados em 1849. *O sino dos barbadinhos*, politico e *A voz da juventude*, recreativo. O primeiro era uma folha de publicação irregular, organ da especulações e traficancias de um individuo, como ainda hoje muitos *maranhenses* lhe seguem o exemplo. O segundo pertencia a muitos moços, que ali imprimiam os seus ensaios juvenis. Ambos são raros até nas nossas melhores bibliotecas!

(22) Veja-se a sua poesia *A' terra natal*. E' o seu adeus, partindo do Rio de Janeiro para a Bahia.

(23) Veja-se a *Epistola* que lhe dirigiu escripta em tercetos, e na qual lhe descreve as saudades que sentia pelo seu patrio Rio.

(24) Veja-se a sua poesia sobre o tumulo do marechal Labatut n'esta collecção.

(25) Veja-se a sua poesia inserta n'esta collecção a morte deste malogrado poeta.

(26) Não me foi possivel encontrar essa these, que foi impressa na typographia de F. de Paula Brito.

(27) Veja-se a poesia *A' Bahia*.

(28) Trovas de Laurindo José da Silva Rabello. Veja-se o seu prologo, que vae reproduzido na *Advertencia sobre a presente edição*.

(29) Transcreverei as palavras da sua dedicatória :

« Offereço-vos este mesquinho trabalho, que por muito imperfeito, é certamente bem pouco digno de vós.

» Ordenastes que tal não fizesse, mas não vos pude obedecer. Perdoae-me : o respeito que vos consagro é bem profundo, mas contra elle combateram a amizade e a gratidão : são dous agenta cada qual mais forte ; o respeito era um só, a maioria venceu. O que houve em tudo isso? — Um jogo mecanico de sentimentos, segundo o qual obrei sem consciencia de acção. Bem mereço portanto o perdão que vos peço, e certo de que me não será negado pela vossa bondade, desde já uso d'elle como de mais um motivo para confessar-me o mais respeitoso dos vossos discipulos e dos vossos amigos o mais obrigado. »

(30) Veja-se a poesia *Ao avistar as terras do Rio de Janeiro*.

(31) Transcreverei aqui o seu discurso para dar uma pequena amostra da sua prosa :

« Nunea uma voz é fraca quando interpreta os sentimentos de um grande numero de corações.

« Um valente chefe obedecendo á ordem do rei supremo, desarmou sua tenda dos arraiaes da vida e acampou-se na eternidade. Seus soldados e seus camaradas contemplam em profunda magoa a sepultura onde o viram desaparecer para sempre; e eu, o menor de entre elles (que importa?) sou aqui o orgão de seus sentimentos, a palavra de seus corações. Com elles venho pagar um tributo de gratidão devido a tão nobres cinzas, commemorando em um rapido esboço os gloriosos feitos da grande alma que outr'ora as animou, enquanto melhor penna não escreve com elles uma das mais brilhantes paginas da historia do nosso paiz.

« Martinho Baptista Ferreira Tamarindo naseeu na provincia da Bahia, de pais honestos, ainda que não abastados. Os braços da fidalguia não lhe enfeitáram o berço. A providencia concedeu-lhe o privilegio de fundar a sua nobreza em vez de recêbel-a como uma esmola dos pergaminhos de seus antepassados. A sua fé de officio é a sua carta genealogica.

« Dotado de uma alma cheia de enthusiasmo pela gloria, de ardor para os combates, de prudencia e energia para mandar, de subordinação para obedecer, de severidade para punir, de magnanimidade para perdoar, de actividade para o trabalho e de resignação para o infortunio, Tamarindo sentiu-se soldado antes de o ser, e abraçou a carreira das armas com a mais decidida vocação.

« Os grandes sentimentos são sementes que precisam terreno e estações proprias para vingar e florescer. Era-lhes propicia felizmente a época em que jurou bandeiras o nosso soldado. Havia grandes brios, grandes idéas e grandes de-

dicações. O espirito nacional era uma immensa orchestra, afinada e prompta para responder com um hymno de enthusiasmo ao grito do Ypiranga.

« Tamarindo ouviu esse grito; e, cmquanto a geração remida agradecia de joelhos ao Supremo Libertador a sua liberdade, Tamarindo a defendia no seu solo, comprando-lhe o terreno a palmos de ferro, marcados com seu proprio sangue.

« A victoria conferiu-lhe a medalha da Independencia, premio, e a mesmo tempo prophcia da dignidade inseparavel a todas as suas condecorações.

« Nunca voltou o rosto á peleja, e desde que jurou bandeiras até á sua morte, não houve uma só guerra no Imperio em que não luzisse a sua espada.

Optimo soldado da guerra, não desmerecia na paz. Se bem sabia obedecer, mandava melhor, tanto que o batalhão do seu commando é apontado no exercito como um modelo de subordinação, de valor e de disciplina.

« A dignitaria da ordem da Rosa, o officialato do Cruzeiro, os habitos de Aviz e de Christo, os medalhas da Independencia, das campanhas do Uruguay e de Buenos-Ayres **cs**creviam-lhe no peito a sua historia militar.

« Vestido, as-condecorações diziam-lhe os feitos; despido, onze honrosas cicatrizes.

« Grande era sem duvida a alma daquelle bom soldado; mas desgraçadamente as grandes almas gastam bem cedo os corpos. Eram para matar quarenta annos de actividade em serviço tão penoso. O lidador cansou, cahiu, morreu!

« Que foi?

« A vaidade da sciencia tenta sempre explicar a verdadeira causa da morte, mas só Deus a conhece a fundo. Sob um semblante risonho e nédio disfarça-se muitas vezes um golpe mortal, que tanto mais punge quanto mais é concentrado. O organismo não parece resentir-se d'elle, nem em sua fórma, nem em sua estructura; mas vai morrendo aos pou-

cos, porque a vida aos poucos lhe vai faltando. Não ha uma doença manifesta, ha uma enfermidade d'alma, uma especie de morte lenta, que muitas vezes não tarda a surprender o pratico no vago de suas scientificas concepções.

« Em um tão longo tirocinio de uma vida tão laboriosa e tão cheia de contrariedades, quantos golpes não teria elle supportado desses que a arte não cura !

« Mas para que nos demorarmos com semelhantes reflexões ?

« A realidade está alli.

« O corpo do coronel Tamarindo não passa de um cadaver; o guerreiro não é mais que uma idéa.

« A sua farda transformou-se em uma mortalha ; suas condecorações, seus paramentos militares são os adornos de uma tumba, e a sua espada, suspensa no cabide d'armas, debalde oscilla incessantemente á procura da mão vigorosa que tantas glorias lhe conferiu.

« Cumpriu-se a inevitavel sentença.

« Pela primeira vez o soldado vestio-se para descansar, e sahio desarmado porque não ia combater.

« O silencio é o pranto dos bravos. Os soldados afincados nas fileiras contemplan mudos o cadaver de seu chefe, e pela primeira vez a manobra foi tardia, porque lhe não escutáram a voz. Rufam os tambores, e os instrumentos choram um funeral.

« Porém um grito mais doloroso que todos aquelles sons vem desconcertar as harmonias da dôr. E' o grito da viuvez consternada, é a supplica desesperada da esposa, a cujos braços arraneáram o cadaver do esposo para o entregar á sepultura.

« Seu tormento é sem nome, porém não é menor o seu motivo.

« Que muito é que o chore a esposa, que nelle perdeu a melhor parte de sua existencia ; que muito é que lamentem a

sua perda seus soldados e seus camaradas, quando dove o paiz inteiro uma saudade á sua memoria ?

« Tamarindo era o chefe-pai, era o camarada-irmão.

« Como tal o pranteam quantos o conhecêram ; como tal o pranteamos nós, medicos, soldados, sempre queridos, sempre honrados e sempre distinctos por elle.

« Deus de misericordia, eu reconheço que perante a tua justiça não se apresenta um só espirito sem mancha. Por melhor que fosse o nosso morto camarada, era filho de Adão, não podia ser impeccavel ; mais elle offereceu o seu sangue pela liberdade de dous povos, sacrificio sem duvida sublime aos olhos de teu filho, o Christo libertador. Embainha pois a espada de tua justiça ; derrete-lhe os grilhões da culpa com um olhar de tua misericordia ; abre-lhe as portas da cidade eterna, que esta é a unica esperanza que em tão dura ausencia pôde servir de lenitivo á nossa saudade. »

(32) Um amigo seu, o Sr. Pires Ferrão, lhe fez por esta occasião o seguinte epigramma :

« Morro, diz uma doente,
Vi hoje a morte ferina
Fitando-me os olhos seus!
Responde-lhe a mãe — « Meu Deus,
Era o medico, menina ! »

Como o Sr. Pires Ferrão tambem achava-se nomeado *es-*
crivão ou *tabellião*, respondeu-lhe Laurindo promptamente ;

Cada um de nós no mundo
Fazemos nossa figura ;
Tu entisicas as partes
Eu me encarrego da cura.

(33) Esta grammatica foi adoptada pelo governo, e conta varias edições.

(34) Vae n'esta collecção.

(35) EDUARDO DE SÁ na biographia já citada.

(36) Veja-se n'este livro a *Introducção, parte IV, Poesias á memoria de Laurindo Rabello.*

(37) Como estes :

Se diverge a morada no aspecto.

O dia de finados.

Só este bem nos deixou na terra.

Septenario, C. VII.

POESIAS

Vate não sou, mortaes; bem o conheço;
Meus versos, pela dor só inspirados,
Nem são versos, menti.....; são mais sentidos,
As vezes, sem querer, d'alma exhalados.

DO AUCTOR.

O QUE SÃO MEUS VERSOS

Si é vate quem acesa a fantasia
Tem de divina luz na chamma eterna ;
Si é vate quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa ;

Si é vate quem tem n'alma sempre abertas
Doces, lípidas fontes de ternura,
Veladas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura ;

Si é vate quem dos povos, quando falla,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da gloria recebe sobre a arena
As palmas, que lhe off'rece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto ;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem sequer movo os échos com meu canto ;

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes d'agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céu confia ;

Eu triste, que, dos homens desprezado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio ;

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;
Meus versos, pela dôr só inspirados, —
Nem são versos — menti — são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel, que o coração verte em golfadas
Por continuas angustias comprimido ;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horizonte da vida o sol querido ;

São anneis da cadéa, qu'arrojou-me
Aos pulsos a desgraça, impia, sanhuda ;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Secca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as seccas folhas
Solta a esmo no ar planta mirrada.

O MEU SEGREDO

I.

O lume de sinistro fogo estranho
Que em meu olhar se accende ;
A nuvem que de magoas carregada
No rosto se me estende ;

Esta agonia acerba que repassa
Os sons da minha lyra ;
Este sceptico altivo horror ao mundo
Que em tudo meu respira ;

Estas rugas, que trago sobre as faces,
Os modos distrahidos,
A constante desordem do semblante,
Dos gestos, dos vestidos ;

Revela tudo um segredo,
Que o mundo não sabe ler ;
Segredo, que só com pranto
É que se póde escrever ;

Segredo, que em meu futuro
Negro anathema cuspiu ;
Segredo, que seduziu-me ;
Segredo que me trahiou.

Lettras escriptas com pranto
Sei que apagadas serão !
Sei que um segredo de magoas
Nunca merece attenção !

Mas não importa ; hoje quero
O meu segredo escrever ;
Que guardado por mais tempo
Talvez me faça morrer.

II.

Mandado do inferno
Por impio destino,
Um genio mali'no
No berço me viu —
E após um instante
Haver-me encarado
Com gesto irritado,
O Genio — o meu fado
Traçando — sorriu.

Sorriu-se.... e mudados
No mesmo momento

Que o Genio cruento,
Cruento me viu,
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram ;
Meus labios murcharam ;
Meus ais começaram ;
Meu pranto cahiu.

No peito inda verde
Seccou-se a ventura
Daquella fé pura
Que a infancia nos dá ;
No espelho onde via
Em extasi santo
Os risos, o encanto,
De um mundo, que ha tanto
Não sei onde está.

Em dita tão pura
Minh'alma exultava,
E quando alcançava
Sabia explicar ;
Que, além de dar crença
A tudo que ouvia,
Por certa magia,
As cousas que via,
Sentia fallar.

Si ás vezes tentava
Brincar com as flôres,
Revedo os labores
De um vasto jardim,
A briza me dava,
No transito leve,
Um canticq breve,
Escripto na neve
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta
Nas azas de ouro
Immenso thesouro
Deixava-me ver ;
E, qual um avaro,
Sedento, inquieto,
Com ardido affecto
Atrás do insecto
Me punha a correr.

Qual boca de nympha
A pouco desperta,
Si rosa entre-aberta
Prendia louçã,
Segredos da infancia
A flôr me contava,
Q'eu só escutava,
E, rindo, exclamava : —
Tu és minha irmã !....

A' vista do oceano,
Immenso, ruidoso,
Que quadro assombroso
Fez meu ideal !...
Em extasi longo
Vi nelle espantado,
Rugindo deitado,
Um monstro azulado
D'enorme crystal.

Em crua e constante,
Horrisona guerra,
In'migo da terra,
Pintou-se-me o mar —
Que fero co'as ondas
Na praia batia,
E afflicto bramia.
Porque não podia
A praia arredar.

Na concha celeste
Si os olhos fitava.
Lá novos achava
Encantos tambem ;
Nos astros eu via
De anjinhos um bando,
Que, o corpo occultando.
Me estavam olhando
De um mundo de além.

Eu via na lua
A casa encantada,
De luz prateada
Fugindo no ar ;
Asylo sómente
Da fada querida,
Que vinha escondida
A gente nascida
De noite embalar.

O sol eu amava
Da tarde na hora ;
Amava-o d'aurora
No fresco arrebol.
E quando a taes horas
No mar se escondia,
P'ra elle me ria,
Julgando que via
Adeuses do sol.

III

Mas esse tempo de encantos,
Que nunca julguei ter fim,
Não é hoje para mim
Mais que morta e secca flôr!...
Do genio máo completou-se
A primeira prophecia :

Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

À natureza calou-se
Desde que o Genio me viu ;
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha ;
Tive novos pensamentos ;
Tive novos sentimentos ;
Creei novo coração.

Visão do Ceu.... não — da terra ;
Não podia ser do Ceu ;
Que Deus no dominio seu
Falsos archanjos não quer ;
Visão, que da natureza
Toda a graça revestia,
Por desdita vi um dia
N'um semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,
Que, ao vê-la, absorto fiquei ;
Tanto, que não escutei
O profundo soluçar
Da innocencia, que, sentindo
Da paixão a ardente calma,
Abraçada com minh'alma
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei ;
Mas achei nessa loucura
Tanto bem — tanta ventura,
Quaes nunca a razão me deu ;
Que, si a razão da verdade
Tem os claros resplandores, —
Amor o reino das flôres
Tem todo inteiro por seu.

E a esta senda estrepeda,
Que á morte os seres conduz,
O que lhe importa uma luz,
Si a não tapisa uma flôr?
E si amor, além de flôres,
Tambem possui um clarão,
Antes amor sem razão,
Do que razão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos
Da minha feliz loucura !...
Libei o fel da amargura
No mel de um beijo traidor !...
Do Genio máo completou-se
A segunda prophecia :
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

Dessa profunda chaga resta ainda
Dorida cicatriz : a mão do tempo

Talvez cure-a por fim ; mas não tão cedo,
Que inda verte de si putrido sangue,
Si a magoam crueis reminiscencias
De quadra tão feliz.

IV

Outro fantasma, a gloria,
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança
Ao batel do desejo abrindo as velas
Minh'alma foi busca-lo.
De pintor bem fallaz condão tem elle
Muito para temer ; do entusiasmo
Nas lavas do volcão accende o facho,
Que os desenhos lhe aclara : esposa amante,
Dá-lhe, a imaginação, seus cofres todos,
Donde tirá as estampas que copia
Nas telas do futuro. De seus quadros
Na belleza enlevada a viajante
Navega sem sentir.

Eis ponto negro
No azulado horizonte surge, e estende
Azas de tempestade ! A's vistas magas
Reposteiro de ferro mão ignota
Rápido corre, e presto em lastro immenso

De aguçados cachopos se convertem
As aniladas ondas. Rola o lenho
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,
Enrolados na vela espedaçada,
O sopro de um tufão some nos ares !
Rompendo a cerração espectro em osso
De repente apparece, sacudindo
Na dextra uma mortalha : envolto nella
Desceu meu pai á campa !...

Musa, basta....

Pare-se um pouco aqui ; nas tuas azas,
Que não neste papel, corra meu pranto....
Apara-o, anjo meu ; depois os mares
Transpõe.... o lar dos mortos não te assusta —
Não é assim ? Pois bem, irmã querida,
Na terra — nossa mãe — suspende os vôos ;
Busca a sombria região dos tumulos,
E lá, depois de um beijo dar na campa
De nosso amado pai, depõe sobre ella
Este pranto que verto.

Emfim bonança

Impia resplandeceu sobre os destroços
Que fez o vendaval. Unico vivo,
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os
E ri-me.... e neste riso agonisou-me
A ultima esperança.... foi a synthese
De minha vida inteira ; — estreita fresta

Por onde, desmaiada e quasi morta,
 Minh'alma um raio morno
De prazer sepulcral mandava ao mundo.

E o Genio, que viu meu berço,
D'entre os cachopos surgiu,
E olhando os estragos riu,
Contente de minha dôr.
Do Genio estava completa
Toda inteira a prophacia :
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

V

E desde então existo, mas não vivo ;
 Só tenho sentimento
Nesse élo fatal por onde a vida
 Se prende ao soffrimento.

Vi na infancia relampago afogado
 Em negra escuridão ;
De amor nas breves ditas vil mentira,
 Na gloria uma illusão.

Eis porque, dos prazeres desquitado,
 O rosto em pranto inundo ;
Tudo odeio, e pareço desposado
 Com seres d'outro mundo.

E na verdade o estou : pena minh'alma
Nas sombras da amargura....
Homens ! fugi de mim ; não vos pertenco—
Sou outra creatura.



O GENIO E A MORTE

I

Sobre as azas de fogo
Da aguia ardente que no espaço vôa.
Saudado pelo cantico das aves,
De flôres perfumado,
Entre nuvens de purpura — risonho
Nos céos assoma o dia.
O exercito dos astros afugentam
Seus coruscantes raios :
E passêa garboso pelo espaço,
Como triumphador pela campina,
Donde expulsára as hostes inimigas.
Lá no meio da arena do triumpho,
Como um olho de Deus devassa o mundo :
As plantas que a manhã de vida enchêra,
Com seu intenso ardor, barbaro cresta —
Qual joven indiscreto, em loucos dias

De volcanica idade,
No coração desecca, mata, extingue
Sentimentos que a infancia alimentára....
Da gloria ao gráo supremo
Subiste, ó rei; humilha-te — vassallo
Tambem és do Senhor — descer te cumpre.
Eil-o que abdicou — Já vai tardio
Pela estrada do occaso, e já tristonha
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma!
Sobre leito de chumbo se reclina, —
E, no momento extremo,
Seus olhos chammejantes
Extremo olhar saudoso á terra volvem.
Ultimo arranco!... Cai desfallecido
Nos braços do crepusculo.
Morreu o dia; — e a noite piedosa
Em seu manto de dó lhe envolve o tumulo.

II

Que é feito, ó Primavera,
Das frescas odoríferas grinaldas
Que a fronte te adornavam?
Murchas caíram; jazem esmagadas
Aos pés de gelo do caduco inverno!
Os pomos sazoados,
Que pendiam das arvores frondosas,
Orgulho e pompa dos alegres prados,

Eil-os dispersos pelo chão molhado
Do pranto que em tristeza o céu derrama,
Ao vêr-lhe a fronte merencoria e pallida,
Debruçada do cume das montanhas,
Com lagrimas saudar do sol os raios,
Qual misero vivente, a quem torturam

As galas da alegria.

Beijada pelos zephyros — c'roada
De viçosas capellas, — pelos bosques,
Jardins, e prados, e alcantis dos montes,
Eu a vi passeiar; — vi toda a terra
De flôres se cobrir, trajar verduras,

Ao toque de seus passos;

Vi.... mas mudou-se da estação ridente
O quadro encantador; — e já bramidos
Dos desatados temporaes proclamam —

Que é morta a Primavera.

III

Morrem as estações, morrem os tempos!

Morrem os dias, como as noites morrem:

Tambem acaba o homem —

E o Anjo do exterminio, desdenhoso,

Encara estultas pompas, que distinguem

O servo do senhor, o rei dos povos;

E fazendo correr-lhes pelas fronte

A rasoura da morte, traça o nivel.

Que cabe aos homens todos.
Tudo no mundo expira :
Só sobranceiro á lousa o Genio altivo
Nos vãos acompanha a eternidade!
Soberbo em seu poder persegue a morte,
E consegue vencê-la,
Mil victimas lhe arranca,
E da immortalidade nos altares
As mostra coroadas.
Em vão do manto esqualido
A barbara sacode o voraz verme
No cadaver do sabio ;
La desce o Genio intrepido,
Em vão as frias cinzas lhe arremessa
Nos abysmos do olvido ;
E, ao lume da lanterna da memoria,
Ajunta as cinzas, sopra o fogo santo
Da santa poesia,
O sabio resuscita e pasma o mundo !

IV

Belleza, doce engano,
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba ;
Encantadora nuvem, mas ephemera,
Que da côr do pudor n'os céos vagueia,
Qual suspiro de amor que aos céos se eleva ;
Beijada pelo sol, timida aurora.

Tambem fenecerás ! Trevas do tumulo
Aos lumes da existencia
Succederão funereas ;
Serão consocios teus mudo silencio,
Sombras, escuridão, vermes, e terra:
Lêstes, bellas ? Tremeis ? Magos encantos
Bacea a mão do tempo, arrasa a campa :
Porém do Genio á voz— curva-se o tempo :
Quebra o sepulcro a lage aos pés do Genio.
Não !... de todo não morre uma belleza
De um Genio idolatrada ;
Que a luz brilhante, que lhe anima os carmes,
O luzento phanal, que o illumina
Nas borrascas da vida,
Jámais, jámais se apaga.

V

Cidades destruidas,
Imperios derrocados,
Oh ! quantas, quantas vezes
O Genio, qual brandão, vos esclarece
As pallidas ruinas,
Lê nellas vossa gloria, e vos confia
Ás trombetas da fama !...
Si foge a tempestade,
Si as estações revivem.
Si as noites reproduzem novos dias.

E os dias novas noites,
Servos obedecendo á voz do Eterno,
Mensageiro do Eterno o Genio exerce
Igual poder na terra!... A Natureza,
 No meio das procellas,
Si a voz lhe escuta, abandonando as furias,
Dissipando de um sopro atroz horrores,
Surge risonha, como á voz divina,
Sahiu do cahos informe,— encantadora,
Todo núa, trazendo por adornos
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono:
Nos cabellos prendendo a Primavera,
Por chapim de crystal calçando o Inverno.
 Do Genio ouvindo o canto,
 Remoçam-se as idades,
Os mortos dos sepulcros se levantam,
 E vivem nova vida
 Dos homens na memoria.

VI

O' Anjo das ruinas,
Vôa ao teu reino, que é tarefa inutil
Extinguir o que é bello no universo,
 Em quanto o lume santo
 D'inspiração celeste
Mentes illuminar predestinadas.
 Aos sons miraculosos

D'harpa do Genio resurgindo ovantes
O saber, a virtude,
Meigos encantos de gentil belleza,
Hão de zombar de ti — quebrar-te o solio,
Calcar-te aos pés a fronte.

VII

Como o gemer de vaga, que se quebra
No sopé do rochedo ;
Como ribombo de trovão, que rola
Pelos longes do espaço,
Ou écho de clarim perdido em ermos,
Do Genio a voz echôa no infinito,
E, por ella acordada,
O semblante solemne
Ergue para saudal-o a Eternidade,
Lá sôa o bronze, solfejando a nota
Da alprecata da morte sobre as campas.
O sol está no occaso !!!
O Genio ancioso espera
O signal de seu vôo ao Ser Supremo.
Vêde-lhe o pensamento : — é uma lyra,
Donde os dedos da Fé extrahem dextros
Mellifluos sons divinos —
São os psalmos do genio agonisante :
E a ultima das notas é sua alma,
Que se perde no céu !— De lá, ó morte,

Sorrindo a teu poder te desafia
Pelo raio divino armada a dextra,
 Dos céos abroquelado;
 Emquanto cá na terra,
Sarcasmo ao teu poder, seu nome tròa,
Como um brado de gloria, enchendo o mundo.



NO ALBUM D'UMA SENHORA

Meu nome aqui deixára solitario
 Escrepto nessa côr;
Com que desde nascido as phaxas d'alma
 Tingiu-me o dissabor;

Meu nome aqui deixára solitario
 Em traço negro incerto,
Qual friso do buril da desventura
 Em claro plano aberto;

A não temer que alguém, que não soubesse
 O que este nome diz,
Ao vê-lo neste livro me insultasse
 Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o lêr, que de uma Virgem
 No livro afortunado
Seu nome escuro, como seu destino,
 Escreve um desgraçado!

Sobre elle verta a Virgem uma lagrima
Do seu pranto celeste,
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,
Concede, sim, concede
Uma lagrima triste ao pobre nome
Que lagrimas só pede !

De teus olhos quizera uma centelha
Um peito do volcão ;
Ao contrario, porém, só pede pranto
Um morto coração !

O sol illumina, a gala offende
Ao solo mortuario :
Só sobresaem os crystaes do pranto
Dos mortos no sudario.

Eia, pois, cahir deixa neste nome
O teu pranto celeste ;
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

ESTRAGOS DE AMOR

I

Miseraveis insensatos,
Escravos da formosura,
Curvados a seu aceno,
Buscais vida no veneno
Que vos leva á sepultura !

II

Nos seus braços reclinados,
Beijando em ternos carinhos
Divinas faces mimosas,
Libais o nectar dás rosas
Sem reparar nos espinhos !

III

« Oh ! loucos, vêde a verdade,
« Conhecei essa illusão,

« Porque viveis seduzidos ? »
Embalde contra os sentidos
Afflicta brada a razão !...

IV

Nada alcança : tudo cede
Ao amoroso desmaio : —
Lumiando o par gentil,
Brilha amor como um fuzil,
Mas ao fuzil segue e raio.

V

Lá do monte da esperança
Cresta o fogo as verdes fraldas :
E de quanto possuia
Só conserva a fantasia
Seccas, dispersas grinaldas.

VI

Suspeitas, tyrannas serpes,
Nos peitos cravando os dentes,
Com seu sangue se alimentam ;
Das chagas chammas rebentam,
Das chammas novas serpentes.

VII

Em furor e desespero
Começa o triste a chorar,
Vendo a estrada que seguiu ;
Morde o laço em que cahiu,
Mas não pôde-o desatar !...

VIII

A razão, para vingar-se,
Mais augmenta o seu flagicio,
Com semblante inexoravel,
Muda, surda, imperturbavel.
Assistindo ao sacrificio.

IX

Tudo e dôr, tudo agonia,
E queixumes contra o fado ;
Suspiros e pranto ardente,
Desespero no presente,
Saudades pelo passado!...

X

Té que vai desabrochando,
Pelo pranto d'afflicção

Regada continuamente,
Do desengano a semente
Nas cinzas do coração.

XI

Ergue a planta a fronte altiva,
Mas do tristonha apparencia;
Folhas, tronco, é toda luto;
Tem mirrado raro fructo;
Esse fructo—é a experiência.—

XII

Das ruinas levantado,
Vê-se o espirito surgir;
Vem com passo fatigado,
Como guerreiro cansado,
A' sua sombra dormir.

XIII

Presto acorda, e então, cedendo
Da fome aos crueis assomos,
Alguns ramos segurando,
Vai colhendo, e vai tragando
Os amargos negros pomos.

XIV

Comeu, ergueu-se, é já outro !
Foi-se do rosto a meiguice !
Do tronco um ramo quebrado
Serve ao triste de cajado —
Eis a imagem da velhice.

XV

Está tudo terminado !
Está completa a sentença !
Aos fogos succedem gelos,
Que annunciam nos cabellos
A idade da indifferença !

XVI

Lá vai o velho mesquinho,
Lá vai desacompanhado,
O caminho da existencia,
Nutrido pela exp'riencia,
Ao desengano arrimado.

XVII

Só seus pés tocam na terra,
Os olhos do céu na luz,

Entregue a culto profundo,
Lá vai, fugindo do mundo,
Cair nos braços da Cruz.

XVIII

Lá expira... mas dizei-lhe —
Amor ! Vereis n'um transporte
Como seus olhos scintillam,
Como a um tempo se aniquilam
Todas as forças da morte !!....

XIX

E' que amor inexoravel
Nos seus planos iracundos,
Si os mortaes torna captivos,
Nem minora o mal dos vivos,
Nem respeita os moribundos.

XX

Restaura as forças da vida,
Não nos consente morrer ;
Porque lá nas sepulturas
Seus tormentos e torturas
Não se póde padecer

XXI

Envenenados farpões
Nos manda em suspiros ternos ;
Cinge aos olhos mago véo,
E pelos jardins do céu
Nos encaminha ao inferno.

XXII

Fugi, humanos !... fugi
De seu veneno traidor !
Sem culto, desamparados,
Sumam-se, ao tempo votados,
Altars, templos de Amor....

A MINHA RESOLUÇÃO.

O que fazes, ó minh'alma !
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Si o plano condescendente
Delle se deixa regar ;
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr n'outro lugar.

Segue o exemplo das aguas,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando,
Só por onde vai achando
Terra propria a seu viver ;
Mas, se acaso a terra esteril
A's raizes lhe é veneno,
Ella vai n'outro terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho aggravo :

Si me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor ;
Como as aguas, como a planta,
Fugirei dessa homicida ;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

•

A LINGUAGEM DOS TRISTES



Si houver um ente, que sorvido tenha
Gôta a gôta o veneno da amargura ;
Que nem nos horizontes da esperança
Veja raiar-lhe um dia de ventura ;

Si houver um ente, que, dos homens certo,
Nelles espere certa a falsidade ;
Que veja um laço vil n'um rir de amores,
Uma traição nos mimos da amizade ;

Si houver um ente, que, votado ás dôres,
Todo com a tristeza desposado,
De crueis desenganos só nutrido,
Sómente males esperar do fado ;

Que venha, a acompanhar-me na agonia,
Q'esta minh'alma, sem cessar, traspassa !
Venha, q'ha muito luto, a ver se encontro
Quem sinta, como eu, tanta desgraça

Venha, sim, que talvez por nosso trato
Uma nova linguagem sera urdida.
Em que possam fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexoravel do destino,
Quem gemer á desgraça condemnado,
Inda lidando no lidar do mundo,
Ha de viver do mundo desterrado.

E em que desterro! Os outros só nos tiram
Os olhos do lugar do nascimento ;
A desgraça, porém, do mundo inteiro
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem deste exilio
Mais supportavel torne a vida crua ;
Tenha ao menos a terra da desgraça
Uma linguagem propriamente sua.

E quem têl-a melhor ? Por mais que falle
O seductor prazer em phrase ardente,
Por mais que se perfume e se florece,
Nunca é, como a dôr, tão eloquente.

Nos phenomenos d'alma o corpo sempre
Do seu modo de obrar diversifica :
Pelas quebras da organica fraqueza
A força esp'ritual se multiplica.

Quando, livre, o esp'rito aos céos remonta,
Da Eternidade demandando o norte,
Toda força primeva recobrando—
Tomba a materia, e cai nas mãos da morte!

Quando o gaz do prazer dilata o seio,
A força do sentir dormente acalma ;
Quando a prensa da dôr o seio aperta,
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas phrases,
Nova linguagem, pede o soffrimento ;
Porque dobra o sentir, e duplas azas
P'ra vòs duplos colhe o pensamento :

Não, não póde em seus termos quasi inertes,
Esse fallar commum de cada dia,
Deste duplo sentir, d'idéas duplas,
Expressar fielmente a valentia.

Enganais-vos, ditosos ! Vossas fallas,
Annos que fallem, nunca dizem tanto,
Quanto n'um só momento dizer póde
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes ! eia !... desde agora
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possam fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gozos egoista,
Q'os tristes nada teem de suas lavras :
Que, orgulhosos na patria da desdita,
Nem dos ditosos querem as palavras.



A JOSÉ PEDREIRA FRANÇA (*)

I

Um dia natalicio em quantas faces
Se póde desenhar !
Que scenas de prazer e de pezares
Nos póde retratar !

Annel d'oiro, ou de ferro, annel d'estala,
Na cadeia da vida ;
Marco de legua pela morte ganha,
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa
Onde outra terminou ;
Berço de um tempo, mas tambem sepulcro
De um tempo que passou !

(*) No dia de seus annos.

Porém por que razão sempre festivo
Se mostra o rosto seu ? —
Porque o anno que nasce esquecer deixa
O anno que morreu :

Porque emquanto na estrada da existencia
A humanidade avança,
Deixa sempre olvidar os desenganos
Co'os olhos na esperança.

Mas o tempo, que corre desta sorte
P'ra todos os humanos,
Oh ! Pedreira feliz ! — mudou de aspecto
No curso de teus annos.

O tempo, que se passa inertemente,
Tem vida transitoria ;
Mas o tempo contado por virtudes
Tem sempre eterna gloria.

Não serão pois cobertos os teus annos
Do olvido pelo véo :
Quando morram na mente dos ingratos,
Com Deus serão no céo.

Não tens aureos brazões por habil dextra
Com arte burilados ;
Não cinges toga illustre, nem tens nome
No rol dos purpurados ;

Porém, sem as virtudes qu'em tu'alma
Existem engastadas,
São titulos, brazões, fama, riquezas
Misérias enfeitadas.

São flôres sem aroma, e cujo viço
Ephemero não dura ;
Phosphoricos phanaes, que a sorte accende,
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante
· O Céu — e o Céu propicio
Não deixe a menor nuvem de desgosto
Turvar teu natalicio —

Taes são os votos meus, nunca inspirados
Por vil adulação ;
Quando minh'alma os escreveu, a penna
Molhou no coração.

Taes são os votos meus na voz expressos,
De frouxa poesia,
Que verte a lyra pouco acostumada
Aos hymnos d'alegria ;

Filha de um estro fraco e perseguido
Por fado sem piedade,
Vagando peregrino em terra estranha
Nos ermos da saudade.

II

Mas inda que a sorte
Um estro me desse,
Que aos astros pudesse
Teu nome elevar ;
Emquanto vir triste
Com dôres pungentes
A patria em correntes,
Não posso cantar.

Não posso cantar,
Emquanto vir bravos
Rojar como escravos
Infame grilhão :
Curvando a sicarios
A fronte sublime !
Submissos, sem crime,
Pedindo perdão !

Não posso cantar,
Emquanto um malvado
Poder infamado,
Audaz, sem pudor,
Com seu bafo infecta
Brasilio horizonte,
Trazendo na fronte
— Prevaricador — :

Emquanto essa gente,
Tão impia e tão vil,
Meu caro Brazil
Puder governar ;
Co'a patria inundada
De luto e de pranto,
Não posso ter canto,
Não posso cantar.

Porém si algum dia
O fero dominio
Do impio exterminio
Tiver de morrer ;
Si o povo, esquecido
De loucos enganos,
Um dia os tyranos
Quizer abater ;

Si um dia, cansada
De tanta maldade,
Soltar Liberdade
Seus raios da mão,
E os sceptros pesados
Dos reis fementidos,
Por elles fundidos,
Rolarem no chão :

E as nossas campinas
E prados virentes,

E os céos de contentes,
Trajados de azul.
Ouvirem os hymnos
Da livre cohorte
Da parte do Norte,
Da parte do Sul :

E os grandes Andradas,
Canecas, Machados
E mais nomeados
Por alto valor,
De lá do Emyreio
Taes cantos ouvindo,
Saudarem, se rindo,
Seu povo senhor ;

Então minha lyra,
Coberta de flôres,
Já livre, louvores
Podendo entoar,
Aos doces encantos
Da quadra formosa
Virá sonora
Teus annos cantar.

A' MORTE DO DR. JOSÉ DE ASSIZ (*)

I.

Morreu, enfim, morreu! Aquelle Genio,
Para quem pareceu pequeno o mundo,
Por milagre-da Morte limitou-se
A um pedaço de terra ! Alli com elle
Ricos thesouros de um futuro immenso,
De mil triumphos avultadas palmas,
De gloria mil corôas, tudo encerra,
Aquelle estreito chão no seio estreito !
São um mysterio as dimensões de um tum'lo !
Morreu ! Aquella magica trombeta,
Que, das leis em defesa trovejando,

(*) A esta poesia deu o auctor o titulo de *Epicedio á morte do Dr. José de Assiz Alves Branco Muniz Barreto*, e offereceu-a ao Dr. Luiz Maria Muniz Barreto.

Fez tremer e tingiu da côr do medo
De protervos mandões soberbas frontes,
Jaz por terra calada ! Aquella boca,
Que em turbilhões sonoros de eloquencia
Raios vibrava, gelida mordança
Para sempre fechou ! O caudal rio,
Que no curso afanoso promettia
Tanta fertilidade ao patrio solo,
Secca total sorveu ! Porque, ó Patria,
Não pôde o pranto teu de novo enchê-lo ?
Porque não pôde fervido cahindo
Sobre a fatal mordança derretê-la,
E de novo acordar da tuba as vozes ?
As entranhas da morte são de pedra ;
Coração jámais teve a hydra impia ;
Carnes humanas come, bebe lagrimas ;
Só respira suspiros dolorosos
E ais agonisantes ; commovê-la
Não pôde a tua dôr afflictiva, Patria !
Has de vê-la dormindo aos échos della,
E o monstro rir-se de prazer cruento
Ao vêr o pranto teu banhar-lhe o solio.
Mas não te desesperes, Mãe querida,
Ha nos cofres da dôr certos segredos
Que os miseros só sabem. São amigos,
Amigos bem fieis da magoa os filhos.
Um gemido consola outro gemido,
Uma lagrima outra. Desde o berço

Para eterno chorar n'alma cavou-me
Da desgraça o punhal fontes de pranto,
Que de Assis pela morte transbordaram.
Patria ! seremos socios na amargura !
Baga com baga juntas, nossas lagrimas —
Crystallina torrente de saudades —
Unidas regarão do Heróe a campa.

III

Fatal presentimento deste golpe
Tres vezes tive ; adivinhei tres vezes
Do sabio moço a prematura morte !

IV

Eu o vi inda imberbe n'um combate
Desses em que são almas — combatentes,
E a intell'gencia — espada : os sacros fóros
Da sciencia da vida defendia,
Dando vida á sciencia. Extasiado,
Qual uma ave rasteira, que contempla
Condor gigante, que nos vôos roça
No semblante do sol soberbas azas,
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente ;
E concentrado em mim, disse commigo :—
Não póde viver muito !

V

Correm tempos :

Para o campo da imprensa denodado
Se arroja o lidador. D'enthusiasmo
Acceso e de prazer, banhei minh'alma
Na luz dos seus escriptos Cada linha
Que delles lia attento me mostrava
Uma estrada de gloria ao novo Genio !
Cada palavra sua era uma pégada
Do progresso a correr, e cada syllaba
De patriotismo ardente uma scentelha
Que do saber ao sopro scintillava.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven ;
E, concentrado em mim, disse commigo : —
Não póde viver muito !

VI

Na Tribuna,
Promettendo um Demosthenes futuro,
O joven apparece ; e vi o povo
Immenso, pasmo, immovel, todo ouvidos
A vêl-o combater, e Paladinos
Formidaveis cahindo aos golpes delle !
Vi sobr'elle lançando olhares torvos,
Tremulos d'ira, os Aulicos ralarem-se,

Quando um sarcasmo seu rapido e fino,
Voando n'um motejo improvisado
Do leve sulco de um sorriso ironico
Nos corações de orgulho entumecidos
Lhes mastigava as fibras da vaidade.
Vi, e vi muitas vezes, confundidos
Ante o moço orador os Mandatarios
Do despotismo, quando pretendiam
Seus golpes rebater, presas as linguas,
Disparatado o curso das idéas,
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes
O vergonhoso culto do silencio.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven ;
E, concentrado em mim, disse commigo : —
Não póde viver muito!

VII

Um *qué* bem certo
Para tanto dizer razão me dava.
Todo o sublime para o Céu deriva :
Era muito pequeno um craneo humano
Para tal pensamento. De seus vôos
Ao forte embate, as molas da materia
Estalam cedo, quando o genio é grande.

VIII

A fatal prophécia está completa !
O prisma, que tres faces tão brilhantes
Ao sol do novo mundo apresentava,
Despedaçado está, ou reflectindo
Côres da eternidade á luz das campas !

IX

Morreu !.. porém na hora derradeira
Inda resplandeceu ! O homem justo,
Entre as vascas do eterno passamento,
Em ancias e fadigas se attribula,
Mas no momento de deixar a terra,
Para voar a Deus, forças recobra,
E como astro da fé no céo da morte,
Qual em vida luziu, luzindo acaba.
E como a luz, que triste bruxolêa
Prestes a se apagar, mas no lampejo
Da convulsão final aviva o lume,
E com dobrado resplendor expira.
E'como o sol no occaso enlanguecido,
Que desmaiado arqueja agonisante
Do mar nas ondas apagando os raios,
Mas que, altivo e zeloso de seus fôros,
P'ra morrer como sol, antes que morra

Com duplicada luz alaga o mundo.
Assis assim morreu. Na ancía extrema
Da mortal agonia, toda inteira
Su' alma concentrada n'um só ponto
Para da carne disparar seu vôo,
Luz celeste expandiu ; ao clarão della
O mundo appareceu-lhe como um doudo
Enfeitado, brincando co'as alfaias ;
Sorriu-se, desprezou-o, e seu desprezo
Todo se traduziu nessa sentença,
Com que sabio fechou, morrendo sabio,
O livro d'ouro da existencia sua.

X

O amor paternal, da esposa o pranto
Tambem dos olhos pranto lhe arrancaram...
Mas nunca tocar pôde o desespero,
De leve nem sequer, naquelle peito
Ungido em fé christã. Da Providencia
Viu as mãos postas sobre as fronte de ambos—
E creú e resignou-se.

IX

Esses fantasmas.
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,
Que na hora final o impio cercam,

Soffregos, como abutres esfaimados
Farejando-lhe o leito, o leito d'elle
Nem ousaram fitar; visões celestes
Nas madornas da morte o embalavam.

XII

Quebradas as cadêas que a prendiam,
Livre, das penas sacudiu o barro,
E em leve adejo penetrou sua alma
As aureas portas da cidade eterna
Entre applausos risonha; e o seu archanjo,
Ao dar conta ao Senhor da missão alta
De a guardar sobre a terra, as niveas azas
Mostrou tão limpas, quaes do céo trouxera.

XIII

Chora, ó patria, lamenta a infausta perda;
Mas consola-te ao menos com lembrar-te
Que teu filho desceu sem mancha ao tumulo.
Morreu !... mas grande foi. Da liberdade
Filho amante nasceu; della soldado,
Morreu firme em seu posto. Da sciencia
Candidato fiel, morreu philosopho.
Era uma planta de primor nascida
Em campo esteril, pedregoso e immundo;
Mas tão cheia de vida, q'inda nova

E em terreno tão máo, brotava aos centos
Do tronco verde vigorosos ramos ;
Ramos cobertos de formosas flôres,
E curvados de fructos. Encantado,
De a ver assim tão bella, o Rei Celeste,
Antes que envenenada percesse
No solo ingrato, transplantou-a em breve
Para os pomares seus.

XIV

Patria, teu chôro,
Merecem mais, que o morto, os filhos vivos.
Ai ! tristes dessas plantas que ficaram
No campo esteril, pedregoso e immundo !
Pela má região contaminados,
Raça degenerada os dias contam
Por ampolhetas gravidas de crimes.
Começa a punição. Esse do Egypto
Anjo exterminador está comnosco ;
Cada dia, um a um, nos vai ceifando
Da liberdade os filhos primogenitos.
Assim a espada da justiça eterna
Invisivel nos fere, inopinada :
Assim os tectos da cidade impia,
Do Senhor pela ira arremessado,
Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,
O raio punidor fulmina e abate.

SOBRE O TUMULO DO MARECHAL LABATUT

I

Eis as scenas do mundo ! A mesma liça
Que o viu pela victoria laureado,
Donde nos brados dos canhões accesos
Da gloria aos penetraes mandou seu nome ,
Veiu (Grandes ouvi !) pedir, mendigo,
Uma esmola de terra !!

II

E quem o fez mendigo, sepultura
Estrangeira buscar ? ! Não cerra França
Aos mortos filhos seus braços maternos !
Mas não é outra a patria do soldado
Que o campo do triumpho, e esta terra
Barateou seu sangue p'ra compral-a.

III

Foi elle neste campo o mestre e o guia
De uma raça de heróes em cujas veias
Fervia com o sangue o amor da Patria !
Aqui, por sobre as frentes inimigas
 Passando como um raio
Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,
 Os servos fulminando,
Sua espada de bravo a um bravo povo
O oriente mostrou da liberdade.
 Aqui viu esse povo
Decidido no empenho de ganhar-a,
Como um leão bramindo engolir chammás,
E vomitar na frente do tyranno
 Que tentava enfreal-o !
 Aqui o viu c'roadado
 De civicas verbenas
 Com as cadeias fundidas
 No fogo do combate
O craneo esmigalhar do despotismo :
E a orda escrava que servia o monstro
Fugitiva a correr, lançar-se ás ondas,
Ou cahir tropeçando nas espadas.
Sentado em sua tenda de guerreiro
Aqui nos braços recebeu do amigo
 Os parabens alegres.

Que rindo repartiu com seus soldados,
E descansou, dormindo aos sons festivos
Dos hymnos marciaes, que aos Céos levavam
Entre vivas seu nome. Aqui... Não, cinzas,
Aqui, perante os netos generosos
Que gratos hoje vêm dar-vos seus cultos,
Da traição dos avós não fallaremos.
Do christão sobre a campa a caridade
Com letras immortaes perdão escreve: —
Perdão para os ingratos !!!

IV

Neste campo,
Em que se lhe marcou n'um ponto mixto
Seu occaso e nascente, resumiu-se
A sua vida inteira. Mais que a França
Foste-lhe Pirajá : a França apenas
Deu-lhe a luz da existencia, e tu lhe déste
A immortalidade !

V

E sempre grato
Te foi o teu heróe. Nas densas trevas
Da immensa eternidade, porta incerta
Da morte tateando, não perdia
De vista o Pirajá. «Amados campos

« Do meu melhor passado », soluçando
Com voz fraca exclamou, « solo onde as palmas
« Colhi, que tão sedento cobiçava
« Nos meus sonhos de gloria, lá deixei-vos
« A minha alma plantada ! Ah ! quem me dera,
« Quando elle se partir, que mão amiga
 « Lá plante o meu cadaver ! »
Felizmente esta prece foi gravada
N'um coração de ouro. Quem é elle ?
Quereis dizer seu nome ? — nomeai-o,
Mil tit'los lhe juntai : quanto ao poeta
Basta chamal-o — amigo.

VI

Satisfez-se

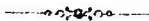
A vontade final do moribundo.
Dormir veiu o soldado o somno eterno
A' sombra de seus louros.

VII

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas !
Eis vosso General !! Mortos soldados,
Que sem campas errais, das andrajosas
Fardas que vos serviram de mortalha

A terra sacudi ! vinde postar-vos
Aqui em continencia ante seus manes,
Veteranos da nossa independencia !
Braços cortados do possante corpo
Que o throno levantou da liberdade,
Vinde, vinde verter sobre esta pedra
Uma lagrima, vinde ! Enfeita o pranto
Um semblante tostado nos combates,
Quando é vertido assim.

Povo, se és grato,
Só te não satisfaças com trazél-o,
Dentro em teu coração leva este tumulo.



ADEUS AO MUNDO

I

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora !!
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são recedentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites ;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmurar-o n'um jardim de amores ;
Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
Cedo de vermes rojarei ludibrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
A rir-se passarão sobre meus ossos !
Não importa : não é perder o mundo
O que me azeda os pallidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dôr, é morrer longe da patria,
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

III

Quando da patria me ausentei, não tinha
Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram elles dentro de minh'alma.

Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudade ;
Ao meu jardim domestico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) « em flôres
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio ;
Palpei de novo o chão ; vi que de novo
Cavado estava ! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãe e minha irmã choravam....
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade ;
E o coração ?... deixei-o n'um abraço.

IV

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flôr. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus sanctificada !
Si uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,

Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulcro....
E' tão pouco, meu Deus ! !... Eu não vos peço
Soberbo mausoléu, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo

Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;
Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saudades, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no terrão da patria,
E' só quanto supplico.

V

A morte é dura,
Porém longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho ;
Que vigílias de amor não tem consigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tédio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto ; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finir ... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido ! Os céos o querem,
Os Céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo !.... Adeus, ó mundo !

VI.

Já sinto da geada dos sepulcros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus !

Adeus, ó sol que, amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Illumina-me agora a sepultura :—
Adeus, meu sol, adeus !

Flôresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa :—
Adeus, flôres, adeus !

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde:
Passarinhos, adeus !

Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos !
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus!...
Adeus: que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus !... adeus !

A MINHA VIDA (*)

I

Este mundo é-me um deserto
Por onde um vulcão passou,
E gravada a minha historia
Em traços negros deixou.

São-lhes tectos bronzeados
Escuros, medonhas céos,
Onde bramam tempestades
Em continuos escarcéos.

Só, por elle vai minh'alma,
Nos destroços tropeçando,
Com passo tardio e incerto
Tristemente caminhando.

(*) A esta trova devem os meus leitores os seguintes versos do meu amigo e collega Antonio Joaquim Rodriguez da Costa, unica poesia verdadeira que ahi vai neste volume de prosa metrificada.

Marcha... marcha... emfim, cansada
De tão longo caminhar,
N'alguma pedra que encontra
Descansa, e põe-se a chorar.

Olha o céu... nem uma estrella !
Olha a terra... é negro chão !
Clama em brados por soccorro,
Só responde o furacão !

Nos olhos secca-lhe o pranto...
Continúa a caminhar,
E n'outra pedra distante
Descansa, e põe-se a chorar.

II

E' triste o seu fadario : mas ao menos
Oh ! balsamo do céu, piedosas lagrimas !
Da infeliz peregrina a dôr pungente
Um pouco mitigais.

E só me alento
Quando posso chorar : são meus prazeres
Um banquete de lagrimas ! Mil vezes
Alegre ter-me-hão visto entre os alegres.
Conversando, soltar ditos chistosos
A rir e fazer rir. Um drama a vida
Não é ? Porque julgar-se do semblante.

Do semblante, essa mascara de carne
Que o homem recebeu para entrar no mundo,
O que por dentro vai ? E' quasi sempre,
Se ha estio no rosto, inverno n'alma.
Confesso-me ante vós; ouvi, contentes !
O meu riso é fingido ; sim, mil vezes
Com elle afogo os échos de um gemido
Qu'imprevisto me chega á flôr dos labios ;
Mil vezes sobre as cordas afinadas
Que tanjo, o canto meu acompanhando,
Cahepranto. Oh! praza ao céo qu'inda o não visseis!

Eu me finjo ante vós, que o fingimento
E' no lar do prazer prudencia ao triste.
Louco fôra por certo o que cantasse
D'exequias hymno em bôdas: ou de noiva,
Qu'em transportes de amor o esposo abraça,
Crepe de viuvez lançasse ao thalamo.
Eu me finjo ante vós porque venero
O sublime das lagrimas ; conheço-as ;
São modestas Vestaes, vivem no ermo,
Aborrecem festins ; olhos que ofogo
Do banquete accendeu lhes são odiosos :
Descidas lá do céo, Virgens do Emphyrio,
Têm vestes de crystal, temem manchal-as.
Bem fechadas nos claustros de meus olhos,
Dentro em meu coração hei de escondêl-as,
Guardal-as bem de vós, contentes, hei-de,

**Porque a dôr me não traia neste empenho,
Zelosa e vigilante sentinella,
Em meus labios trazer constante um riso.**

III

Hei de fingir-me ante vós,
Porque sei que o desgraçado,
Se a desgraça não occulta,
E' de todos desprezado:

Que o feliz, que goza os fructos
Dos pomares da ventura,
Não conhece o gosto acerbo
Da peçonha da amargura;

Que aos tristes consoladoras,
Palavras nos labios seus,
São as palavras de Christo
Na boca dos Phariseus.

IV

Nestes versos vos dou minha vida;
Minha vida, mortaes, é assim:
Ante os homens um riso mentido,
Longe delles um pranto sem fim.

E' veneno de arabico aroma,
Entre fumo subtil disfarçado ;
E' cadaver de carnes despido,
Com vestidos de gala trajado.

E' sepulcro, onde, o escarneo da morte,
Mausoléo magestoso se arvora;
Morte, trevas e terra por dentro :
Vida, luzes e pompa por fóra.

Nestes versos vos dou minha vida.
Minha vida, mortaes, é assim :
Ante os homens um riso mentido,
Longe delles um pranto sem fim.

O QUE SOU, E O QUE SEREI ! (*)

I.

HOMENS, que vêdes-me a passar sombrio
Pela estrada que vai da vida á morte!
Talvez buscais saber meu *que* de vida—
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso occulto de amor—certo—suppondes,
Que um moço trovador é sempre amores:
Nem póde outro condão sobre seu peito,
Nem se acurva—tão cedo—a outras dôres.

Julgais bem;—porém pouco... que em minha alma
Amor plantou—mais fundo—o seu feitiço:
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago
O viver, como vêdes, tão submisso!

(*) Poesia a que se refere a nota da antecedente.

Não cuideis que o penoso sentimento,
Que toda prende a amor minha existencia,
E' como esse sentir que todos sentem,
De um dia, sem ardor, sem vehemencia !

Tambem já assim amei, se amor se pôde
Chamar essa illusão de namorado,
Mas hoje este sentir me é tão da vida
Que, se elle me faltar, ver-me-heis finado.

II

Indagais meu soffrer ! Buscai na terra
O ente mais formoso,
Aquelle que do céu fôr mais mimoso—
Que todo meu sentir nelle se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juizo ;
Se o encontrardes ledó,
Contai que descobristes o segredo
Do meu prazer...— vereis—sou todo riso.

Mas, si, ao contrario, virdes o quebranto
Da tristeza em seu rosto,
Julgai-me logo a padecer exposto ;
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Se o virdes pôr em mim seus olhos bellos,
Seus labios me sorrindo,

E seu seio a ondular candido e lindo...—
O que eu sou—decifrai—sou todo anhelos.

Se uma palavra der-me, á semelhança
Das palavras do céu,
Do coração rasgai-me o tenue véu,
E ahi lêde o que sou—sou todo esp'rança !

Contemplai a que amo. — Ora em languores
Quasi desfallecida ;
Ora toda expressão, incendio e vida —
Edir-me-heis si hei-de, ou não, morrer de amores.

Homens! Eis o que sou ! — Dos trovadores
O que mais soffre e sente ;
Por este coração, por esta mente,
Sou todo inspirações, sou todo amores !

III

Mas perguntais-me vós, porq'inda triste
Vou caminho da vida pensativo,
Depois de o ente achar, que unico deve
Por aureas sendas ao porvir levar-me ? !
Porque ? Porque inda resta-me a incerteza,
Essa inimiga certa da esperanza,
Que se me antolha horrenda em meus transportes !

Di-lo-hei todavia, homens (embora
Traia o meu coração neste segredo,
Que a mim só confiou), di-lo-hei — é força,
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo —
O que serei, ouvi... é vaticinio
De um coração, a quem tornou propheta
A luz de uns olhos lá do céu descidos.

Serei Nume, ou Demonio sobre a terra...
Todo ternura e amor, ou todo colera...
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não — eis todo o meu futuro,
Para o qual duas paginas abertas
Em perfeito contraste ha nesse livro
Immenso do porvir. E' uma dellas
Toda negra e de sangue salpicada ;
A outra toda rosea, e matizada
De azul e verde, com relevos de ouro !
Destas paginas n'uma os nossos nomes,
O della e o meu, por força hão de gravar-se.

Ver-me-heis Demonio apascentando furias,
Precipitado a caminhar na terra,
Como quem busca o termo da existencia ;
Dos olhos a saltarem-se faiscas
De loucura e furor ; na dextra um ferro,
Nos labios um som unico — vingança !
E assim medonho, impenetravel, louco,

Pisando por abrolhos sem sentil-os,
Insensível a tudo, aos proprios crimes,
Querendo o mundo emfim todo de sangue !...
Se ella minha não fôr — serei Demonio !

Ver-me heis, porém, um Nume de venturas,
Um prisma de affeições, candidas todas,
Um poeta de amor, sorrindo á terra,
Um ente só feliz olhando encantos ;
Ver-me-heis co'os olhos em seu rosto impressos,
Como os seus em minha alma impressos brilhão ;
Ver-me-heis co'os labios em seus pés, e ao mundo
Entretanto c'os pés calcando a frente !!
Se Eulina minha fôr ! — serei um Nume !!

IV

Homens ! Eis meu porvir : — dos trovadores
Ou o mais desgraçado,
Ou um Poeta magico, inspirado,
Bebendo vida e luz n'um céo de amores.

RODRIGUES DA COSTA.

AMOR E LAGRIMAS (*)

Si ainda fosse possível na minha alma
Amanhecer um dia da ventura,
Corado por um beijo de donzella
Ao despontar d'aurora...

Si, Anjo de salvação mandado ao misero,
Sorrindo, pelo céu jurasse a bella
Fazer-me cada vez por novos beijos
Mais rubra a côr do dia...

Si fiel companheira em toda parte
Quizesse me seguir, presa commigo,
Como um raio celeste preso a um astro
A illuminar-lhe o curso...

(*) Ao meu collega e amigo Manuel Bernardino Bolliva

Si a visse, desdenhosa a mil thesouros,
Só por ter-me, deixal-os, e contente
A gabar-me o sabor do pão grosseiro
Que me alimenta a vida...

Não a crêra ; e talvez que até julgasse
Tantas provas de amor atroz perfidia,
Si amor me não brilhasse nos seus olhos
No centro de uma lagrima.

Amor é fogo ; o coração que ama
Todo nas suas chammas se evapora,
No rosto se condensa, e chega aos olhos
Em agua convertido.

Que é um riso ? — Um prazer. Prisão estreita
De duas almas ? — Sympathia apenas :
E os abraços e beijos ? — Muitas vezes
Sustento de lascivia.

Tudo isso diz amor ; mas quando ? — Quando,
Filho de um doce affecto que se apura
Nos cadinhos da dôr, é baptisado,
N'um baptismo de prantos.

É bello ver-se uns olhos scintillantes,
Accesos em vulcões de fogo ignoto,
A dardejar faiscas invisíveis
Que os corações abrasam :

É bello ver-se um rosto nacarado
No carmim do prazer : é bello ver-se
Partir fino coral de rubros labios
Um *sim* d'alma sahido :

Mas em rostos assim amor não falla ;
E, se falla, as mais vezes diz mentiras ;
E este — *sim* — que tomamos por verdade,
É escarneo do crente.

Quereis vê-lo sincero ? Observai-o
N'açucena de um rosto desmaiado,
Entre os lirios de uns labios que roxêam
Suspiros de agonia :

N'uns olhos, cuja luz crepusculante,
Entre a neve das lagrimas, pareça
Reverbero da alampada mortíça
Do templo da saudade.

Ahi podeis lhe crer o que disser-vos,
Podeis seguil-o sem temer um crime ;
Que amor, si o pranto lhe borrifa as azas,
Seu vôo ao céo dirige.

A SAUDADE BRANCA (*)

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fêz?
Quem te pôz tão desmaiada,
Minha flôr? Que pallidez!...

Ah!... já sei : n'um peito vario
Emblema foste de amor:
O peito mudou de affecto,
E tu mudaste de côr.

Mas não; só peito animado
Por constancia e lealdade,
Unida póde trazer-te
Comsigo, minha saudade:

(*) Composta por occasião da morte da irman do auctor e offerecida ao seu collega e intimo amigo Antonio Augusto de Mendocça Junior.

Demais tu não reardar : seja
Qual fôr o destino teu,
Conservas sempre o aspecto
Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flôr ? Que pallidez !

Quem sabe si és flôr, saudade?
Quem sabe? Da sepultura
Amor nas pedras penetra
Por milagre da ternura.

Quem sabe.. (Oh! meu Deus não seja,
Não seja esta idéa vã!)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha irmã?!

« Minh'alma é toda saudades ;
« De saudades morrerei »—
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei :

E agora esta saudade
Tão triste e pallida ... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim!...

A namorar-me os sentidos!
A fascinar-me a razão!...
Julgo que sinto a voz della
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta!...
Aos meus labios, flôr louçã!
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã!

Outro beijo, que estes beijos
Não te proíbe o pudor ;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Si almas podem
Em flôres se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flôres podem fallar.

Mas não fallas?... não respondes?...
Oh ! crueis enganos meus!
Saudade, porque me illudes?
Minha irmã!.. Meu Deus!.. Meu Deus!..

Minhã irmã!... minha ventura,
Esperança, encanto meu!
É teu irmão quem te chama!...
Responde!... falla!... Sou eu!

Distã muito o céo da terra ?
Os anjos azas não tem ?
Desata um vôo, meu anjo !
Não tardes, meu anjo ! Vem !

Vem ! Ao menos um momento
Quero vêr-te, irmã querida :
Embora, depois de vêr-te,
Fique cego toda a vida.

Mas não vens ? Deus te não deixa
Vir ao mundo, meu amor ?
Só devo encontrar no pranto
Lenitivo á minha dôr ?

Ah ! minh' alma desfallece...
E o coração, que apressado
Com tanta força batia,
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes
Me vai ralando a agonia :
A tempestade de angustias,
Mudou-se em melancolia.

Que é isto ? ! Como tão negro
Ficou-me todo o horizonte !
Que suor me banha o rosto !
Que peso sinto na fronte !

Ah ! meu Deus ! graças ! aos olhos
O pranto sinto chegar ;
Si a boca não falla, ao menos
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades ;
Uma de sangue ensopada
Pela mão do desespero
No seio d'alma plantada ;

Outra da melancolia
Toma o gesto, e veste a côr,
Exangue, pallida e fria,
Mas calada em sua dôr.

Parece que a natureza
Quiz provar esta verdade,
Quando diversa da rôxa
Te creou, branca saudade.

AO MEU AMIGO E MESTRE

O SENHOR

FRANCISCO MONIZ BARRETO

I.

Dizer não posso o que és, o que é teu canto,
Que o diga o Sol da Patria
Nos céos aos astros, quando, derramando
A luz que nelles bebe,
Os astros vê nadando em nove lumes !

Que o diga a Primavera
Nos prados e nos montes,
Nos jardins, nos searas
Descuidada deixando cair flôres,
E aparando teus versos no regaço.

Que o digas em noite estiva,
A Lua melancolica,
Pallida — immovel — a chorar ternuras,
Ouvindo-te saudosa — enamorada
Uma canção de amores.

Que o digão essas brisas tão suaves
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,
Refrigeram, deleitam, enfeitiçam,
Trazendo-lhe o aroma que desprendem
As flôres bafejadas por teu estro.

Que o digam a escutar-te, quando altisono
Nos narras inspirado
Dos livres os triumphos, gloria, e brios,
A liberdade rindo,
E o terror a tremer nas faces frias
Dos pallidos tyrannos.

Que o diga amor, e escreva
Nos trophéos que levanta,
Quando, tangendo as cordas
Da lyra de diamantes,
Rendidos corações arrastas presos
Nos grilhões de teu canto até seu solio.

Diga a mulher emfim, — não a que nutre
Nos olhares ardentes de volupia
A chamma impura das paixões nocivas;

Divindade fatal, de cujos templos
A razão a fugir ao crime entrega
As aras e o turibulo ; — mas a virgem,
A virgem, que descer dos céos á terra
Por escada de flôres vio o homem
No lindo sonho do dormir primeiro :
O anjo que no exilio acompanhava
O primeiro proscripto, e no pão negro,
Que lhe dera o peccado, transformou-lhe
C'um beijo em mel de rosa o fel das lagrimas :
A estrella, que, depois de conduzir-nos
 Por mares de delicias,
Onde afogados de prazer morremos,
 A vida nos restaura,
E de luz divinal n'um raio amigo
Nos embebe no seio o amor paterno.
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,
A completa mulher por Deus formada,
Norma daquelle cofre que devêra
Arca de salvação, guardal-o um dia,
E cuja cópia trasladaste em verso !

II

Eu não posso dizer o que é teu canto,
 Nem cantar-te louvores,
Si chamma etherea me accendesse o estro...
Si no meu coração vingasse ao menos

Uma flôr de poesia...

Porém não vinga a flôr sobre o rochedo,
Não medra a chamma, nem se nutre o raio,
Nas cortadoras humidas montanhas
De agglomerados gelos.

III

Gratidão e amizade,
Que dentro em mim se batem neste empenho,
Podem muito, Moniz, porém não podem
De um trovista, qual eu, fazer poeta,
Poetar como tu, para cantar-te!
Seja, pois, fraco e fido testemunho
De quanto por ti sinto
Este desejo que te envio.

IV

Amigo,
Do riso e da afflicção me acarinhaste
Do esteril pensamento os peccos fructos;
Zeloso Mestre, as trovas me lavaste
No limpido Jordão da clara mente;
Amigo e Mestre, deixa que te chame!
— Amigo, — porque o és — minha alma o sabe;
— Mestre, — porque me pede o entusiasmo
Dizer-te como tal; porque preciso,
Um nada como sou, do mundo ás portas,
Com o merito teu cobrir meu nome.

A' BAHIA

I

Se o trovador, que outr'ora,
Como filho querido, nos teus braços
 Amorosa apertaste,
De ti merece ainda uma lembrança,
Patria, querida patria da minha alma,
Terreno abençoado onde, aos milhares,
Prantos que derramei brotaram risos,
Recebe neste canto um reverbero
 Das chammass da amizade
Eterna que por ti arde em meu peito.

II

Ao lindo sol da gloria, que teus campos
 Liberal fertilisa,
Minha primeira luz não deve os raios,

Nem teus jardins me deram
Flôres com que adornasse o pobre berço ;
Lá das campinas tuas não medimos
Nem eu, nem socios meus, brincando alegres
Velocidade e forças
Na carreira e nas lutas esforçados :
As mal pronunciadas
Preces minhas sumir-se no infinito
Não foram do teu céo, quando cansada
A Tarde no Occidente despe a purpura
Que o Nascente lhe deu, chamando-a — Aurora ;
Nessa hora, em que a briza da saudade
Suspiro da saudosa Natureza,
Com brando movimento agita as folhas
Extremas do arvoredó, os passarinhos
Volvem aos ninhos apressados vôos,
E dubia luz, com trevas misturada,
Pouco a pouco se esvae entre as cinzentas
Montanhas vaporosas ; nessa hora,
Em que todo o universo, extasiado
N'um culto involuntario,
Parece ver passar o Anjo do Tempo,
Que vai, guarda da terra, a Deus dar conta
Dos trabalhos diurnos ; nessa hora,
Em que a melancolia afaga os peitos,
Em que a alma se contrahe ouvindo a quêda
Do pó que mede a vida,
E, transido de magoa, o campanario

Deixa cahir as lagrimas metallicas
 No sepulcro do dia.
Amei onde nasci. Essa esperança
Tão doce e feiticeira
Que na idade viril desponta n'alma ;
Essa idéa de fogo, onde releva
A mão da phantasia imagem de anjo
 Que nos seduz e arrasta,
Tive-a no meu torrão. O mesmo astro
Que no berço me viu, viu meus amores.
O ameno Mon-Serrate, a fresca Barra,
O mistico Bomfim não asylaram
Meus primeiros segredos de ternura ;
Essa historia de enleios toda guardam
Amigas margens do meu patrio Rio,
Que até no curso rapido desenha
 A rapidez das ditas,
Do gozo, do prazer que tive nella.
 O nascimento, a infancia,
 Os primeiros amores,
Não, não te devo a ti, terra querida ;
 Mas a divida immensa
Deste amor desvelado que me deste,
Sem temor de baixeza, me consente
 Chamar-te — minha patria.

III

Quando, pela desgraça arremessado
No solo teu, sem nome, pobre enfermo,
Quasi a esmolar um pão, busquei teus filhos,
Illesos do desprezo que aos felizes
 A desgraça suggere,
 Irmãos, não só amigos,
Pais, não só protectores me abraçaram ;
 As portas da sciencia,
Que a chave da indigencia me fechára,
 Tuas mãos generosas
Abriram francas a meu livre ingresso ;
E a vida almejavas ver-me o termo
 Da difficil viagem,
Enxugar-me na frente illuminada
 O suor da fadiga,
 E a corôa de espinhos
Que a sorte me cingiu tornar de louros.

IV

O Berço do nascimento,
Ou em palacio opulento
Trajando a gala real,
Ou cama de palhas feita
Onde a escrava o filho deita

Enrolado no sendal ;
O Céu que a primeira prece,
De tarde ou quando amanhece,
A criança ouvia rezar,
Quer puro, e ledó sorrindo,
Quer furioso bramindo,
Fuzilando a trovejar ;
O logar onde primeiro
O coração todo inteiro,
Amor dizendó, se abriu ;
Prado florente e risonho,
Ou valle escuro e medonho,
Que sangue humano tingiu ;
A patria, emfim, tem encantos,
Tão seductores e tantos,
Que não se póde vencer !
E' uma visão divina,
Que a vida nos illumina,
E nos segue até morrer ;
Mas tambem o porto amigo
Onde nos braços comsigo
A amizade nos levou,
E d'alma, toda chagada,
As feridas consternada
Uma por uma curou ;
Onde dextas apertamos
Em que pasmados achamos

O calor só natural
A chamma que o céu atêa,
Quando vêa, sobre vêa
Sente sangue paternal ;
Essa terra bemfazeja,
Inda que patria não seja,
Igual attractivo tem ;
E o estranho protegido
Póde, sendo agradecido,
Chamal-a patria tambem.

Lisonja, adulação, alcunhe embora,
O vulgo o puro amor que te consagro,
O culto que te rendo ;
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna engeitado perfilhaste-me,
Patria, teu filho sou, e assim te adoro.

A' MORTE DE JUNQUEIRA FREIRE

Do retiro claustral cysne sagrado

O vôo desprende !

Enchendo os ares patrios de harmonias

Cantou, depois morreu !

Mysterio ! — Ave creada entre os altares,

Acaso a turba impura

Do mundo com seu bafo envenenado

Abriu-te a sepultura ?!

Punindo-te o desprezo de seus lares

O Anjo de Sião

Por ordem do Senhor tão presto deu-te

A morte, em punição ?!

Preso o espirito, acaso, nas cadeias

Do voto eterno e forte

Teve, na luta acerba espedaçando-as,

Por liberdade a morte ?!

Mysterio ! — Respeitemos nesta campã
 Decretos divinaes !
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca
 O pranto e nada mais !

Rei que fora ! — Era um servo que devia
 A vida ao Senhor seu !
Seu Senhor o chamou, a voz ouviu-lhe
 E prompto obedeceu !

Duvidais do que digo ? — Erguei a campã....
 Esse corpo o que é ?!
E negareis ainda que era um servo ?!
 Ahi tendes a libré !

Viveu como poeta, de poeta
 Deixou o canto e a fama.
Inda no craneo morto tem — bem vêdes —
 Do louro verde a rama !

Leste-lhe a poesia ? Eram arquejos
 D'um coração afflicto !
De uma alma que ensaiava na materia
 Os vôos do infinito !

Vouu !.... Cysne de luz, adeja livre
 Máo grado a humanidade !
Os hymnos dos archanjos sãõ seus hymnos
 Seu mundo — a eternidade !

AMOR-PERFEITO

Seccou-se a rosa.... era rosa ;
Flôr tão fraca e melindrosa,
Muito não pôde durar.
Exposta a tantos calores,
Embora fossem de amores,
Cedo devia seccar.

Porém tu, amor-perfeito,
Tu, nascido, tu affeito
Àos incendios que amor tem,
Tu que abrazas, tu que inflammas,
Tu que vegetas nas chammas,
Porque seccaste tambem ?!

Ah ! bem sei. De accesas fragoas
As chammas são tuas agoas,
O fogo é agua de amor.

Como as rosas se murcharam,
Porque as aguas lhes falharam,
Sem fogo murchaste, flôr.

E' assim, que bem florente
Eras, quando o fogo ardente
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou naquelle vaso
Que, já foi meu coração.

Seccaste, porque esse pranto
Que chorei, que choro ha tanto,
De todo o fogo apagou.
Triste, sem fogo, sem fragoa
Seccaste, como sem agoa,
A triste rosa seccou.

Que olhos forão aquelles !
Quando eu mais fiava delles
Meu presente e meu porvir,
Faziam crueis ensaios
Para matar-me. Eram raios,
Tinham por fim destruir.

Destruiram-me : comtudo
Perdôo o pezar agudo,
Perdôo a pungente dôr

Que soffri nos meus tormentos,
Pelos felizes momentos
Que me deram nesta flôr.

Ai ! querido amor-perfeito !
Como vivi satisfeito,
Quando te vi florescer !
Ai ! não houve creatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder.

Ai ! secca flôr, de bom grado,
Se tanto pedisse o fado,
Quizera sacrificar
Liberdade e pensamento,
Sangue, vida, movimento,
Luz, olfato, sons e ar.

Só para vêr-te florente,
Como quando o fogo ardente,
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou naquelle vaso
Que já foi meu coração.

DOUS IMPOSSIVEIS

Jámais ! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alimenta
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte : o coração succumbe
Quasi nas ancias do lutar terrivel ;
A paixão o devo ra quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel !

Jámais ! a chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto
Em que não queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se sujeita e harmonisa.

E' nesse ponto de indizível tempo
Onde, por mysterioso encantamento,
O sentir a razão vencer não póde,
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espectáculo
Se levanta de triste magestade,
Se de um lado a razão seu facho accende
De outro os lyrios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zêlo semi-morto a serpe ondeia !

Dous limites então na actividade
Conhece o ser pensante, o ser sensível :
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro impossivel !

Amei-te ! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratição, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida
De prompto a seus extremos pôz remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Póde queixar-se inteira a felicidade
De teu olhar de fogo inextinguível,
Acabar minha crença, meu futuro,
Aviltar-me ! jámais ! E' impossivel !

Más a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te !

Porém amar-te desse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte viu,
Adora respeitoso aquella imagem
Que d'elles copiou na phantasia.

NÃO POSSO MAIS !

Não sei se é vida, porém sei que a morte
Terá de certo menos amargor ;
Só sei que a morte tem uma agonia,
E não sei quantas tenho nesta dôr !

Os olhos fecha quem a vida perde,
O bem perdido jámais póde ver ;
Eu, morto n'alma, fitos os olhos tenho
No bem querido, que não posso ter.

Embora firam desgraçada victima
Ervados gumes de crucis punhaes,
As dôres cessam mal que chega a morte,
Sangue as feridas lhe não vertem mais.

Desta ferida nada o sangue estanca...
A dôr recresce mais, e mais pungente ;
Morta minha alma para os gozos todos,
Só vê que vive pela dôr que sente.

O céo perdôe a quem assim compensa
Os sacrificios deste coração ;
Porém a magoa me desvaira a mente :
Se não ha crime, como haver perdão?

A fronte curva, delinquente altivo,
A fronte curva, não és mais que um réo ;
Teu bafo impuro, que o peccado alenta,
Accende o raio que te arroja o céo.

Perdão !... mas seja para mim sómente,
Nesse olhar terno que o perdão exprime ;
Perdão te peço, Cherubim celeste ;
Pune o culpado, mas perdôa o crime.

Rôla de bosque, da innocencia ao ninho
Eu cego o verme da paixão levei-te ;
Anjo risonho, sobre a fronte lisa
A ruga acerba do scismar tracei-te !

Turvei-te a face, nebulei-te os olhos,
Cobri de espinhos o teu santo leito,
E da tristeza, que a minh'alma encobre,
Parte dos goivos te lancei no peito !

Mas Deus punio-me !... Da sentença austera
Tu escrevias a primeira parte,
Quando a meus rogos de extremoso amante
Só respondias — Eu não posso amar-te !

Mas não bastava : — ao martyrio immenso
Dobrar devias a cruel tristura ;
N'um sim de amores que me déste um dia,
Um céo me abriste de fallaz ventura.

Mas presto nuvens o horizonte toldão,
De todo nellas a visão se esvahe,
E o cego doudo, que fitava os anjos,
De novo em trevas envolvido cahe.

Não ter-te, fôra já penar bastante ;
Perder-te, extremo de cruel penar !
Pensei que a pena se acabava nisto,
Mas inda tinha mais que supportar !...

Desprezo em troca de meu culto ; ás ancias
De minha angustia riso mofador,
De ti, daquelle a quem me sacrificas,
Para mostrar-lhe todo o teu amor.

Que a fronte calques, que por ti velando
Consome dias, noites sem cessar ;
Que a fronte calques, que desdenha o mundo
E varre a terra p'ra teus pés beijar....

E' dura affronta, mas com essa affronta
Eu não me avilto, nem me desabono :
E' nobre o solo que as rainhas pisam,
Chama-se solo convertido em throno ;

Porém que applaudas, que consintas outro,
Tambem calcar-me, escarnecer de mim....
Eu me não lembro que fizesse um crime,
Que merecesse ser punido assim !....

Estrella d'Alva de divina aurora,
Deixa-me em trevas, é destino meu !
Deus te dirige neste mundo os raios,
Tu não governas o clarão que é teu.

Não quero o riso desbotado e morno
De complascente, caridoso amor ;
De amor a planta quem a prova incauto
Morre do fructo, se não goza a flôr.

Deus de teus braços me recusa a dita,
Mudo a sentença soffrerei — sou réo ;
Banhei meus labios nos paúes do crime,
Beijar não posso Cherubins do céo !

Mas não mereço do escarneo o riso
Mas não sou digno de desprezos taes ;
Se me não pódes destruir a pena,
Muda o tormento, que *não posso mais !...*

AS DUAS REDEMPÇÕES

AO BAPTISMO E LIBERDADE DE UMA MENINA

Inda uma vez tanjamos
A lyra, e mais um hymno
Consinta-me o destino
Erguer nos cantos meus ;
Que vá, de sons profanos
Despido e desquitado
Em vôo arrebatado,
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella
No berço da innocencia
Derrama a providencia
De duas redempções ;

Mostrando um'alma limpa
Do crime primitivo
No corpo de um captivo
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece
Um hymno de poesia ?
Que dia tem mais dia ?
Que feito tem mais Luz ?
Do captivo um anjo
Quebrando infames laços,
A' cruz estende os braços
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo
Na filiação da graça,
E o ser que o crime embaça
Puniu a redempção !
E o homem, dissipando
Do berço insano aggravo,
Em menos um escravo
Abraça um novo irmão !

Que fôras, innocente,
Que fôras, nesta vida,
Da escravidão perdida
No barbaro bazar !?
Pobre rôla ferida

Da infamia pelo espinho,
Em que ramo, em que ninho
Te havias de aninhar ?

Infante, sem afagos,
Temendo-te altiveza,
Querendo-te a vileza
Plantar no coração,
Dariam-te nos gestos,
Nas vestes, no aposento,
Na mesa, no alimento,
Sómente — escravidão !

Donzella (oh ! sacrilegio !
Amor, qual flôr sem viço,
Mil vezes é serviço
Que féro senhor quer !
E' dôr que o fel requinta,
Que a impia sorte aggrava
D'aquella que é escrava
Depois de ser mulher !

Se mãe (é mãe escrava !)
Quem sabe se verias
Teu filho mãos impias
Do seio te arrancar ?
E surdos ao teu pranto
Mandarem-te com calma
Do seio da tua alma
A outro alimentar ?!

Criança mas sem veres
Da infancia as verdes côres,
Donzella sem amores,
Talvez alma sem Deus!
Não fôras arrastada
Da vida pelos trilhos,
Nem tu, e nem teus filhos
Serião filhos teus.

O' vós que hoje lhe destes
O dom da liberdade,
Que junto á divindade
Matais a escravidão,
Ao trovador propicios
De acção tão excellente
Em culto reverente...
Guardai esta canção.

Eu sei que haveis guardal-a,
Que em tão santa amizade
Não vem a variedade
Deitar veneno atroz.
Sou vosso desde a infancia :
Da vida até o fim
Sereis tanto por mim
Como serei por vós !

AO SR JOÃO ANTONIO DA TRINDADE(*)

Ora de rosas, ora de cyprestes,
As horas da existencia coroadas
Voam nas azas do voluvel tempo
Lentas algumas, outras apressadas.

Mas na marcha que levam signaes deixam
De uma vida constante ou transitoria :
Umas do esquecimento engole o pego
Outras medram no campo da memoria.

Ahi frondosas arvores florentes
Os mausoleos que a dor tem levantado
São os fructos que colhe uma alma attenta
Quando vaga nos mundos do passado.

(*) No seu octogesimo segundo anniversario natalicio,
26 de maio de 1859. Era padrinho do auctor.

Dahi vem que o espirito, voando
Do passado na vasta immensidade,
Ergue ás vezes um hymno de alegria,
A's vezes chora um pranto de saudade !

Bem vinda sejas, hora sacrosanta
Das raras festivaes — bem vinda sejas !
Oh ! nunca a nuvem negra do desgosto
Offusque a luz divina que dardejas !

Annos oitenta e dous ha, que do mundo
Viu feliz a primeira claridade
Um ente, em quem prudencia, brio e honra
Se juntáram, formando uma — TRINDADE !

Despido de brazões, nobre na essencia,
De elevado sentir, modesto e puro,
Fazendo do trabalho o seu destino,
Arrancou de si mesmo o seu futuro !

Disse — sou homem ! — trabalhou, e fez-se !...
Se achou trepeços, fez em mil pedaços :
E sentindo-se, enfim, robustecido,
Piedoso ao afflicto estende os braços.

Se as corôas não tem d'esses pequenos
Que a fama como grandes apregôa,
As virtudes que brilham-lhe na fronte
De certo que lhe dão melhor corôa !

E' grinalda do céo, de viço eterno,
Onde refulgem, qual ceeste orvalho,
Os prantos do indigente agradecido,
As gotas do suor de seu trabalho !

Sús, vivente feliz, bemdiz teu fado,
Que o céo a teu favor se pronuncia ;
Para bem penetrar-te esta verdade,
Contempla um pouco o quadro d'este dia !

Como premio, já na vida,
Do teu honesto labor,
Deu-te Deus na terra um Anjo
Que te enxugasse o suor !

Um Anjo de caridade,
De candura e singeleza ;
Um Anjo, emfim, adornado
Com os dotes de — THERESA !

Por annos tão numerosos
O Senhor tem conservado
O Anjo sempre contigo,
Tu sempre ao Anjo ligado !

Na tempestade e bonança
Sempre o par se conservou
Unido, como dous ramos
Que o mesmo tronco gerou !

Que nunca se perturbe a paz tranquilla
D'este Par tão ditoso !
Que seja o Filho, qual tem sido sempre,
Uma cópia do pai ; e immensos annos
Se renove este dia
Que nos enche de gloria e de alegria !



A S^{RA} D. THERESA MARIA CAETANA
DA TRINDADE (*)

Que importam annos ? Uma flôr existe
Que, quanto mais por ella o tempo corre
Mais seu aroma e seu verdor augmenta ;
Com o tempo revive, nunca morre.

E' a virtude, raio que no mundo
Do céo dardeja o sol da eternidade,
Em si bem como Deus o tempo encerra,
Annos não conta, nem augmenta a idade.

O homem que a contempla, embora viva
Seculos a contemplar-lhe a formosura,
Mais aroma lhe sente, e vê na fórma
Mór garbo, mais belleza e mais doçura.

Não, as cans da velhice não enfeião
A fronte da matrona virtuosa ;
Diadema de prata n'ella brilha,
Qual na da mocidade brilha a rosa.

(*) No dia de seus annos, era madrinha do auctor.

Se a grinalda de rosas da donzella
É' bella por dizer graça e meiguice,
Exprime mais solemnes predicados
A corôa de prata da velhice.

Mostra uma virtude ainda nascente,
As galas, o trajar da juventude,
E a outra, corôa de triumphos,
Que já colheu dos annos a virtude.



SUSPIROS E SAUDADES

Depois de tantas perdas só restou-me
Na soledade,
Em que deixou-me a dôr, para consolo
Roxa saudade.

Esta flôr, tão esteril nos prazeres,
Quando em retiro
Quasi sempre do seio magoado
Brota um suspiro.

Achava estes suspiros e saudades
Encantadores,
Embora fossem flôres da tristeza,
Sempre erão flôres.

Demais, quem tem das dilas d'este mundo
Chegado ao termo,
Quem traz de ingratições e desenganos
O peito enfermo ;

Que tem com a flôr que ás almas venturosas
Do prazer falla ?

Que ao ver-lhe o coração trajando luto
Traja de galla ?

A tristeza que tendes, minhas flôres,
E' vosso encanto.

E como ereis formosas orvalhadas
Pelo meu pranto !

Mas seccastes tambem ?! Faltou-vos agua ?
Demais tivestes.

Fogo ? Desde nascidas sempre em chammas
De amor vivestes.

Seccastes ? Com razão, que d'estas flôres
Certo não é

Verdadeiro alimento, agua nem fogo
Faltando a fé.

Vivem com fogo e agua, se dos prados
Nascem no chão ;

Mas não se flôres d'alma dentro d'alma
Nascendo vão.

Quando morta a flicidade,
A fé expira tambem !
Saudades de que se nutrem ?
Os suspiros que alvo têm ?

Morta a fé, vai-se a esperança,
Como pois viver pudéra
Saudade que não tem crença,
Saudade que desespera ?

Onde as graças do passado,
Se altivo genio sanhudo
O scepticismo nos brada,
Foi mentira, engano tudo ?

Em nada creio do mundo :
Ludibrio da desventura
A felicidade me acena,
Só de um ponto — a sepultura.

Morrêram minhas saudades,
E meus suspiros calados
Dentro d'alma pouco a pouco
Vão morrendo suffocados.



OS DOUS BAPTISADOS (*)

O fogo santo que dá vida á vida,
Chama-se amor ;
Botão de rosa, que o pudor defende,
Quando dous corpos este fogo accende,
Desabrocha em flôr.

Chorando sangue a virgindade foge,
E mais não vem :
Botão de rosa, no botão fechada,
Depois que a rosa foi desabrochada,
Vida não tem.

(*) Poesia offerecida ao Sr. P. J. F. Torres e a sua Sra. D. L. L. da Cunha Torres, por occasião do baptismo de um seu filho, tendo a mesma Sra. servido de madrinha a outro menino baptisado na mesma occasião.

Prosegue o fogo, e faz que a flôr aberta
Murchando vá ;
Mas quasi sempre generoso amor
Em recompensa da perdida flôr
Um fructo dá.

D'esses fructos o mundo se povò
Em sua immensidade ;
Formam elles o grupo da familia,
Os reinos, as nações, a maravilha
Chamada humanidade !

Feliz aquelle que feliz recolhe
O seu fructo de amor !
Que seguindo da lei divina o trilho,
Como filho de Deus vê no seu filho
Um filho do Senhor !

Feliz o que cumprindo um dever santo
A's santas áras vem,
Fazendo o mesmo que seus pais fizeram,
A Deus, como seus pais outr'ora o deram,
Seu filho dar tambem !

Felizes vós portanto n'este dia,
Em que da culpa o véo
Rasgando aos olhos de dous novos crentes,
Fizestes de dous anjos innocentes
Dous anjos para o céo !

Folgai, ó anjos, que o espaço é vosso,
A scintillar !

Vêde.... a estrella da graça se levanta !...

Ganhastes azas nessa pia santa....

Podeis voar !

↳ Voar, meu Deus? Defende-os das torpezas

Do mundo réo ;

Pela bondade que teu seio encerra,

Dá que estes anjos sem roçar na terra

Cheguem ao céu !

O DESALENTO

AO MEU AMIGO

LEOPOLDO LUIZ DA CUNHA

Quando eu morrer, minha morte
Não lamente, caro amigo,
Que o sepulcro é um jazigo
Onde eu devo descansar;
A minha triste existencia
E' tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já me não póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros, sem fim!
Que tormento fôra a vida,
Se não fosse transitoria!?...
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulcro,
Mas ninguem d'ellas se queixa ;
Quando o morto os olhos fecha,
Não quer luz, quer socegar ;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão profundo somno,
Que nem póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida ;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração ;
Já cansado de viver,
Para a morte os olhos lanço ;
Vejo n'ella o meu descanso,
A minha consolação.

Á TERRA NATAL

Adeus !... Vou procurar talvez um tumulto
Longe do teu regaço.
Nunca me foste mãe, mas sou teu filho,
Concede-me um abraço !

Abençoa-me ! — Parto ; dá-me a benção !
Que ao filho desgraçado,
Mesmo o ser infeliz dá mais direitos
A ser abençoado.

E's rica, eu nada tenho ; mas ao nada
Me soube acostumar ;
Dispensó os teus thesouros, mas a benção
Não posso dispensar.

Adoro-a, quero-a, sim ; porque custou-me
Asperrimo desgosto,
Torturas inauditas, conservar-lhe
Sem manchas este rosto.

Quæro de filial doce ventura
Encher meu coração,
Revendo n'ella, filho abençoado,
A minha filiação.

Nunca me foste mãe pelos carinhos ;
Ao menos um signal
Dá-me, dá-me de mãe, que sou teu filho,
Na benção maternal.

Adeus !... Perdôa se me queixo ; as queixas
Que exhalo em minha dôr
Offender-te não devem, que são filhas
De meu ardente amor.

Esses braços ao filho que se aparta
Estende por quem és,
Que o filho por teus braços abraçado
Abraçará teus pés !...

SAUDADES

Da saudade, bem amado,
Nesta ausencia tão distante,
Cada vez mais encravado
O espinho penetrante,
O coração socegado
Me não deixa um só instante.
Como do cahos primitivo
Surgiu bella a criação,
Do cahos da minha tristeza
Da patria surge a visão !
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horizontes
Que á patria servem de véo ;
Saudades dos meus palmares,
Saudades d'aquelles ares,
Saudades d'aquelle céo !
E' puro, mas com ser puro
Este céo me não convem ;
Que tendo tantas estrellas

A minha estrella não tem !
Muitas vezes a procuro,
Mas de balde !... um ponto escuro
No seu lugar se fitou ;
Conheço e vejo a verdade :
Foi a nuvem da saudade,
Que a minha estrella apagou.
Sim, meu bem, brilhou a estrella
Sem rival nos brilhos seus,
Emquanto á luz recebia
Do lume dos olhos teus ;
Quando teus olhos ardentes,
Rutilando de contentes
Ião-se nella fitar.
Hoje que estão desmaiados
Por prantos continuados,
Com seus sóes quasi apagados,
Como hade a estrella brilhar ?
Cada dia que se passa
Neste desgosto cruel,
Tem novo quadro a desgraça,
Tem a ausencia novo fel,
Mais compunge o peito anciado
Esse espinho envenenado,
Que a saudade me cravou ;
E a dôr me tem convencido
Que do espinho introduzido

Novo espinho se gerou.
Eu o sinto, quando estreito
Nos meus transportes de dôr,
Sobre os labios, sobre o peito.
O meu talisman de amor ;
O meu fiel companheiro
E talvez o derradeiro
Presente de amor, de ti,
Na hora da despedida
Em que tudo (excepto a vida
Para chorar-te) perdi !
Se d'alma a essencia celeste
Pudesse ser transmittida,
O retrato que me deste
Não fôra um corpo sem vida
Que, ao vê-lo, minh'alma ardente,
No transporte mais vehemente,
Sente ao semblante subir,
E nos olhos condensada,
Em lagrimas transformada,
Sobre o retrato cahir.
Aos tormentos que já sobram
Novos reune a saudade ;
Qs seus negrumes redobram
As sombras da soledade.
Na mente a imagem se agita
Dessa ventura infinita

Que junto a ti desfructei,
Em quadros tão seductores,
Quaes nunca dos meus amores,
Nem nos sonhos divisei.
O amor com que me abrazas,
Então não posso dizer !
Da saudade sinto as azas
No coração me bater ;
E contemplando os espaços
Que te roubam aos meus braços,
E que não posso transpor,
Perco a luz, e desmaiada
Cahe-me a fronte atordoada
Pelos combates de amor !
Assim passo em tua ausencia,
Eis qual é o meu viver !
Melhor que tal existencia
Mil vezes fôra morrer,
Se não tivesse a esperança
Que venturosa bonança
A' tormenta porá fim ;
Se não tivesse a certeza
Que me adoras com firmeza,
Que não te esqueces de mim.

AO MEU AMIGO F. DE PAULA BRITO

Si d'essa nobre irmã, que as mais domina,
Que de gala e de pompa revestida
Magestosa nos ares se reclina :

De tudo quanto ha bello enriquecida,
Coberta pelo azul de um céu brilhante,
De sempre verdes prados guarneçada ;

Cujos porticos guarda vigilante
De dia e noite immovel sentinella,
Um disforme e grandissimo gigante ;

Que tão soberba em fórma se revela,
Como amavel no trato hospitaleiro
Com que abraça a quem vive á sombra d'ella ;

Si d'essa patrio ninho, onde primeiro
Vimos ambos a luz, inda é lembrado
D'aquelle solo o filho derradeiro ;

Ou se em todas as mentes apagado,
Pelo buril eterno d'amizade
Seu nome inda na tua está lembrado ;

Recebe nesta um culto de saudade,
De affecto, e d'esse affecto que termina
Onde encontra seu termo a eternidade ;

D'esse affecto do céo, que não fascina,
Sol brilhante nos dias de ventura,
Nas dôres, da desgraça medicina ;

No que te digo vai verdade pura ;
As linhas que te escrevo, Brito, amigo,
São allivios á dôr que me tortura !

Aqui, por mais que busque, não consigo
Ter por minha de tantas uma hora
Igual áquelles que passei contigo !

Tedio enfadonho tudo me descora ;
Marca-me o tempo lentamente a vida,
Que aos outros entes rapido devora !

Parti... e, nessa hora da partida
(Não sei se foi meu corpo, se minh'alma),
Porém um fez do outro a despedida !

Dizem que com o tempo a dôr se acalma ;
Mas a amante, a quem tal bem succede,
Ao verdadeiro amante ceda a palma.

Quando a vista anciosa o espaço mede,
E a imagem divinal do bem perdido
Em vão á terra, ao mar e aos astros pede ;

Quando, da perda infausta convencido,
Chega a crer que partiu, a crer n'ausencia,
Que já não tem presente o bem querido ;

Quando, cedendo á força da evidencia,
Nem lhe resta uma nuvem de esperança
Para os olhos vendar da consciencia ;

Não é de certo um tempo de bonança !
Longe a certeza acorda a tempestade,
Que perto sobre a duvida descança !

E quanto mais conhece-se a verdade,
Mais funda, mais pungente e mais dorida,
Se vai abrindo a chaga da saudade !...

E' esta aqui meu Brito, a minha vida !
Nem exagera a penna meu tormento,
Em poeticas tintas embebida !

Tenho n'alma um cruel presentimento
(Talvez não mui remota prophecia
Que não posso apagar do pensamento !)

Espero cedo o meu extremo dia ;
E a morte, da patria tão distante,
E' quadro que me abate de agonia !

A saudade tornou-me tolerante !
Que importa ser da patria desprezado ?
Serei sempre da patria filho amante.

Se outr'ora, contra ella conspirado,
Os males que me fez lancei-lhe em rosto,
Hoje tudo lhe tenho perdoado.

Dos lances em que a sorte me tem posto
Esquecido, o desgosto de não vê-la
E' dos desgostos meus maior desgosto !

Ah ! que não fosse a hora de perdê-la,
A hora em que parti !... O Sul formoso
E' bello, bemfazejo, é lar ditoso :
Mas eu tenho no Norte a minha estrella !



BANDO (*)

Eia, Bahianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apesar de ser segundo,
Ha de sempre ser primeiro !

Não deixeis despercebido
O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar !

Se o miserrimo que soffre
Da escravidão os rigores,
A's vezes repete a historia
Dos seus passados de gloria
Nas senzalas dos senhores ;

(*) Feito como fim de convidar o povo **Bahiano** celebrar o dia 2 de Julho com pompa.

Nós livres, a quem escravos
Inda não pôde fazer
O furor do despotismo,
Nossos feitos de heroismo
Não devemos esquecer.

Não devemos esquecer
Esse dia, a cuja luz
O deus dos Americanos
Escreveu—morte aos tyrannos—
Nos braços da Santa-Cruz.

Esse dia que provou
Com solemne magestade
Ao vil tyranno atrevido,
Quanto pôde um povo unido,
Quando grita — liberdade —

Com as fronte coroadas
De louros vamos cantar
Hymnos aos fortes soldados,
Que valentes, denodados,
Nos souberam libertar.

Todos os odios se esqueçam,
Demo-nos todos as mãos,
E empenhemos nosso orgulho
Em festejar dous de Julho,
Em um banquete d'irmãos !

Nem receieis que algum braço,
Que para nos esmagar
Occultamente trabalha,
Da nossa mesa a toalha
Venha com sangue manchar.

Não, que tem a liberdade
Seus amores n'este dia,
E, temendo as iras d'ella,
Se atormenta, se arrepella,
Mas não falla a tyrannia.

Comece pois o festim,
E nas galas sem rival
Entre as ledas comitivas,
Impellido pelos vivos
Rode o carro triumphal.

Saia á noite, que não hade
Cobri-lo da noite o vèu ;
Brandões hão de illumina-lo,
De luzes hão de banha-lo
Os candelabros do céo !

Nelle do dia dos livres
Veja o formoso arrebol,
Essa cabocla engraçada
Que tem a face tostada
Dos beijos que deu-lhe o sol !

E quando voltar dirão
Com toda a gente os louvores,
O mar por canhões bradando,
Os ares vivas troando,
A terra brotando flôres !

Seja então tudo prazer,
Tudo sonoras canções,
Tudo banquete de bravos,
Tudo remorsos de escravos
Que inda desejam grilhões !

Eia, Bahianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apesar de ser segundo,
Hade sempre ser primeiro.

Não deixeis despercebido
O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar.

AO VISTAR AS TERRAS DO RIO DE JANEIRO (*)

Despe as nuvens que te encobrem
Sol da minha f'licidade,
Que abre a flôr dos meus prazeres
Santo orvalho da amizade.

Respiro os ares da patria,
Contemplo os encantos seus ;
Os meus contentes me abraçam,
Eu contente abraço os meus.

Meu Deus, meu Deus, não consintas
Que a patria torne a deixar ;
Que da segunda ferida
Talvez não possa escapar !

(*) Improviso feito vindo da provincia do Rio Grande do Sul.

Se no intimo a primeira
Feria-me d'alma a ruiz,
Bem póde inteira corta-la
Segunda na cicatriz.

Completa a cura, não deixes
De novo o mal renascer;
Que amarga mais que a desgraça
A negaça do prazer.

Não succeda á cruz rojada
Mais pesada nova cruz,
Não condemnes mais ás trevas
O cego a quem déste a luz.

AO DIA DOS FINADOS

FRAGMENTO DOS TUMULOS

I

Um dia para os mortos, se é que o dia
Nos tumulos penetra.
Entre tantos de riso um só de pranto
Seja sagrado ás lousas
Fechadas pela morte, e onde seu sello,
Segunda morte grava o esquecimento.

II

Terra de mortos, deixa que te pisem
Os pés dos vivos, deixa ; no teu reino
Pedaços d'alma dos que vivem dormem.
Entre os cirios funereos
Arde tambem amor, geme a saudade.
Mãi extremosa, os restos seus recebes

Quando do mundo inteiro abandonados
Vêm no teu leito procurar descanso.
O pai idolatrado
A ti confia o orphão ;
Entrega-te seu filho a mãe querida ;
Os irmãos, os amigos
Seus irmãos, seus amigos, te entregarão :
Um dia, ao menos, querem vê-los : — Cede,
Pois tens tudo o que é seu.

III

Um espirito unico
Desgraçado daquelle que só teve
Quando peregrinou por estes lares !
O triste foi um tronco sem raizes
Que aos impulsos da sorte foi tombando.
Té que por fim cahiu na eternidade.
Nem ha na especie humana
Infeliz tão bastardo da ventura,
Que tão ermo ficasse sobre a terra.
E' uma planta só a humanidade :
Por mais extremo que lhe seja um ramo,
Pela seiva commum é sustentado,
E a cicatriz, que fica se o decotam,
Da vida que se foi narrando a perda,
Da vida que ficou narra a saudade....

IV

Terra de mortos, deixa que dos vivos
As almas se dilatem; frias cinzas
Animar-se não podem; mas são ellas
Quinas dos edificios abatidos
Que o espírito só a Deus conhecem.
Deixal-os divagar n'essas ruinas,
Que são dominios seus. — A terna ave,
A quem a companheira arrebatáram,
Deixa, ao menos, voar em torno ao ninho.

V

Podeis entrar fieis. — Que o pó do mundo
Vos não venha nos pés. — Quanto é da vida,
Tudo estranho é aqui; a gala é obito;
O banquete são preces: Deus reparte
O pão espiritual que o sacerdote
Prepara nos altares;
São convivas os mortos, que recebem
Tambem com elle
O sangue sacrosanto, que enfraquece
Da punição o fogo. — Frageis lagrimas,
Ah! do mundo não são, tanto que o mundo
Não as quer nem conhece.

VI

Entremos.... Mas.... O nivel dos sepulcros
Não vejo aqui !!... Marmoreos monumentos
Aqui, alli se erguem distinguindo
O pó do pó que a morte confundira.
Illusão pueril! E' cinzas tudo!
Só diverge a morada no aspecto :
Os donos são iguaes.



ULTIMO CANTO DO CYSNE

Quando eu morrer, não chorem minha morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura ;
Pobre, sem pompas, sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintam ao sepulchro apresentando
Um rico funeral d'aspecto nobre :
Como agora a zombar me dizem vivo,
Digam-me tambem morto — ahi vai um pobre

De amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida ;
Deixem-me morto só, como deixáram-me
Lutar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunios,
Que me adora apezar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha Eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudades, lagrimas tambem ;
Que não tenho a lembrança de offendêl-os
E sei quanta amizade elles me tem.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado :
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,
E o muito que tambem tenho chorado.



IMPROVISOS

AS POTENCIAS DO OCCIDENTE

As Potencias do Occidente,
Com as Aguias e os Leões,
Ou tomam Sebastopol,
Ou deixam de ser nações.

PAULA BRITO.

Já de supportar cansado
Tanta injuria Moscovita,
Um povo acolá se agita
Da guerra soltando o brado !
Dos canhões de Rei mitrado
Retumba o echo imponente,
Que em defesa da innocente
Fracca, mas briosa terra,
Acorda, e convida á guerra
As potencias do Occidente.

Erão rivaes.... mas que importa!
Um povo heróe tudo esquece,
Se outro povo, que padece,
A defendêl-o o exhorta.

Não, cahir não hade a Porta,
Não hade rojar grilhões,
Não hade que seus braços
Vão defender com pujança
A Inglaterra e a França
Com as Aguias e os Leões.

Eil-as no campo da gloria,
Que com puro sangue lavam,
E cada lucta que travam
E' uma nova victoria !...
Da humanidade e da historia
Seguidas pelo pharol,
Juram ambas pelo sol
Dos livres, em que se abraçam,
Que Sebastopol arrazam,
Ou tomam Sebastopol.

Hão de tomal-a !.. arrastada
Do autocrata a bandeira,
Ha de ser a pregoeira
Desta verdade sagrada :
« Que nações que pela espada
« Pretendem usurpações,
« Que, vis escravos, grilhões
« A's suas irmãs destinam,
« Ou como Troya terminam,
« *Ou deixam de ser nações.*

O QUE FAZ MINHA DOR

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida,
Eis o que fazminha dôr!...

Tive no mundo da mente
Formosos dias serenos,
Como os do céu sempre amenos
Em doce paz innocente.
Dos desgostos a torrente
Em um rapido transporte,
Por má vontade da sorte,
Me fizeram n'um momento
Do meu feliz pensamento
« *Um pensamento de morte !* »

A minha alma escureceu-se
Do pensamento nublada,
E a mente desnorteada
Em negro cahos converteu-se !

Um mar de pranto—estendeu-se
N'aquelle mundo de horror ;
E no medonho fragor
Da tormenta desabrida
Vaga nas ondas, perdida,
« *Uma lembrança de amor !* »

Cresce a celeste batalha,
E na vasta escuridade
Sem cessar, da tempestade
O raio o manto retalha
A fluctuante mortalha,
Vaga sempre ! Convertida
Aquella idéa de vida
N'um sudario d'esta sorte,
Retrata, emblema da morte
« *Uma esperança perdida.* »

Em pé firme e solitaria,
Minh'alma fôra insensivel
A' tempestade terrivel,
Continua, crescente e vária !...
Mas a veste mortuaria,
Que das ondas vai na flôr,
Mortalha do meu amor,
D'antes saudosa lembrança...
Hoje perdida esperança...
« *Eis o que faz minha dôr !...*

O PHAROL DA LIBERDADE (*)

Na terra da Santa Cruz,
Que enlutava atroz maldade,
Já solta brilhante luz
O Pharol da Liberdade.

Que vejo ?.. a Russia tremendo
Sob despotica espada ?!..
Forte Hungria derrotada
Entre cadêas gemendo,
A Italia a frente abatendo
Ante o fanatico juz ?!..
Liberdade!.. se de luz
Precisas, responde, falla,
Aqui temos, vem busca-la
Na terra da Santa Cruz.

(*) Improviso feito em uma reunião patriótica que festejava o dia 7 de setembro, anniversario da independencia do Imperio.

Famoso povo guerreiro,
Por nós hospitalizado,
Contra nós sem causa irado
Nos levou ao captiveiro !
Em seu jugo carniceiro
Chorámos longa orphandade !
Nossos campos, nossa herdade,
De cadaveres cobertos,
Erão funereos desertos
Que enlutava atroz maldade.

Mas nossos brios um dia
Contra os impios acordáram,
E os combates rebentáram
Entre nós e a tyrannia !
A estrella que conduzio
Colombo á terra da Cruz,
Que os grandes povos conduz
Ao templo da Liberdade,
Dos Andes na summidade
Já solta brilhante luz.

Ao seu divino clarão
Pedro o filho d'essa terra
Que dispunha em nova guerra
Lançar-nos novo grilhão,
Acorda... fita a visão,
Toma a espada, o campo invade,

Embebe-a na claridade
Que da estrella se desprende,
E com ella accesa accende
O Pharol da Liberdade.

A MINHA MULHER

Lembranças do nosso amor.

Da morte o sôpro gelado,
Não me apagando a existencia,
No coração com vehemencia
Sinto seu passo apressado.
Ai quando, bem adorado,
Minha alma d'aqui se for,
Disfarça teu dissabor,
Resiste á força vehemente,
Mas nunca risques da mente
Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te
De fortuna nem de gloria,
Nada me aponta a memoria
Que possa morto legar-te ;
Se nada deve ficar-te

Mais que saudades e dor,
Balsamo consolador .
A' dolorosa ferida
Hão de ser-te n'esta vida
Lembranças do nosso amor.

Lembrar um bem adorado
Na dor da saudade ausente,
E' mêsmo sel-o presente,
Inda que seja passado.
Ser por ti sempre lembrado,
Como em vida morto for,
Por influxo encantador
D'este mysterio profundo,
Hão de ser-te n'esse mundo
Lembranças do nosso amor.

SONETOS

LEANDRO E HERO

SONETO I

Hei de, martyr de amor, morrer te amando.

O facho do Elesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o somno traga,
Que dentro de sua alma não se apaga
O fogo com que o facho se accendia.

Afflicta o seu Leandro ao mar pedia,
Que abrandado por ella, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante n'uma vaga,
(Talvez vaga de amor, inda que fria).

Ao vê-lo pasma, e clama n'um transporte —
« Leandro !... és morto?!... Que destino infando
« Te conduz aos meus braços desta sorte?!!

« Morreste !... mas... (e ás ondas se arrojando
Assim termina já sorvendo a morte)
« *Hei de, martyr de amor, morrer te amando.*

A UMA INCONSTANTE

SONETO II

É carpir, delirar, morrer por ella !

BOCAGE.

De uma ingrata em trophéo despedaçado
Meu coração devora amor cruento,
Trocando em fero e barbaro tormento
Quantos prazeres concedeu-me o fado.

No seio d'alma, já dilacerado,
Negras furias do barato apascento !
Filtra-me o delirante pensamento
De zelos negro fel envenenado.

Desprezo, ingratitude, fria esquivança
Da cruel por quem morro, em tal procella
Apagaram-me a estrella da esperança.

E eu (ao confessal-o a dôr me gela)
Humilhado a seus pés, minha vingança
E' carpir, delirar, morrer por ella.

A UM INFELIZ

SONETO III

Geme, geme, mortal infortunado,
E' fado teu gemer continuamente :
Perante as leis do Fado és delinquente,
Sempre tyranno algoz terás no Fado.

Mas para não ser mais envenenado
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,
Não te illuda o fallaz riso apparente
De um futuro de rosas coroado.

Só males o presente te afiança :
Encrustado de vermes charco immundo
Se te volve o passado na lembrança.

Busca, pois, o da morte ermo profundo :
Despedaça a grinalda da esperança :
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.

A UMA SENHORA (*)

SONETO IV

Dos meus lares, dos meus que choro ausente,
Me vieste acordar saudade impia,
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,
Que te fazes ouvir tão docemente.

Do piano o teclado obediente
Ao teu tocar encheu-se de magia,
E lá dos mortos na soidão sombria
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,
Amarguradas lagrimas verteu,
Talvez do fero officio arrependida !

Bellini do sepulcro a pedra ergueu ;
E, cheio de alegria desmedida,
C'um sorriso de gloria um — bravo — deu.

(*) A quem o auctor ouviu tocar umas variações sobre
themas de Bellini.

A' S^{RA} MARIETA LANDA

POR OCCASIÃO DE CANTAR NO THEATRO DE S. JOÃO
DA CIDADE DA BAHIA.

SONETO V

Disseste a nota amena d'alegria,
E, arrebatado então nesse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos céos subia.

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nume, tu que desta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte ?!

Anjo ou nume não és ; mas, si te é dado
No canto dar a vida, ou dar a morte,
(* *Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.*

(*) Francisco Moniz Barreto.

A' MESMA SENHORA

SONETO VI

Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade ;
Como a brisa a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena ;

Ora em notas de gozo, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiva descubro mais subida
Que de um Deus póde dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi embebida,
Aos teus labios deseja um canto eterno,
E, só para gozal-o, eterna vida.

•

A' MESMA SENHORA

SONETO VII

Alcione, perdido o esposo amado,
Ao céo o esposo sem cessar pedia ;
Porém as ternas preces surdo ouvia
O céo, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado
Tenta a pedra minar da campa fria ;
A morte de seu pranto escarnecia,
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah ! — não fôra assim, si a voz tivera
Tão bella, tão gentil, tão doce e clara,
Daquelle que hoje neste palco impera.

Si assim cantasse, o tumulto abalára
Do bem querido ; e, branda a morte fera,
Vivo o extincto esposo lhe entregára.

SEPTENARIO POETICO

CANTO I

A Providencia, a cujos decretos nada
resiste, e de que não é licito murmurar.
(*Imp. Alexandre da Russia.*)

Das soberbas muralhas, tectos d'ouro,
Dos palacios zombando, sem susurro
Vôa o anjo que volve o mundo ao nada !
Com a dextra fatal lançando em terra
Thronos, sceptros, diademas e tiáras.
Sopram seus labíos horridos venenos,
Que as flôres murcham da infeliz campina
Que o viu passar. A Napoles seu vôo
Furioso endereça, as azas bate
Sobre o throno, e de luto cobre o solio,
Na misera cidade levantando
Monumento credor de pranto eterno !
E lá jaz para sempre, lá repousa
Uma fronte real que inda ha bem pouco,

Cingindo aureo diadema, promettêra
Idades d'ouro dos Bourbons ao povo.
Inesperado golpe, caso infausto,
Quantos bens nos roubaste no futuro !...
Oh ! quantas esperanças destruiste....
Quanto pranto trouxeste !... tristê sorte
Dos miseros humanos !... Illusores,
Magnificos phantasmas da esperança....
Vida, que és tu ?!... Caminho breve sempre
Do leito á sepultura ! Flôr que murcha
Quando mais odorosa nos parece.
E, além das illusões, chimeras futeis
De rapidos prazeres soçobrados
Em oceanos de angustias, que nos deixas ?....
O que resta de ti ?... Só a virtude !
Sim, que a virtude só zomba da morte.
E de pé sobre a lage do sepulcro
Do vivo para o morto um culto pede !
De lá ó Isabel ! Teu nome Augusto
De apotheoses mil cercado surge....
Elle as funereas trevas aguardava,
Para brilhar no céo, como rutilam
Nos céos os astros, quando a noite arroja
Seu manto opaco e negro sobre a terra.

Junto ás portas do céo arremeçaste
A tunica de carne, que trajavas
Da milicia da vida nos combates,

Como junto ao portal do alvergue amigo
Arremeça o guerreiro fatigado
As pesadas, inuteis armaduras,
Para gozar tranquillo e socegado
Somno de paz em leito abençoado
Por dextra patérnal. A Gloria é tua !

Bem conhece a razão esta verdade ;
Mas zomba da razão da magoa a força ;
E, apezar da razão, medra a saudade !...
Quanto mais bella te divisa o mundo,
Mais deseja gozar-te, alma bemdita !...
Mais punge a tua ausencia o peito ausente
De Teus Filhos, Teus Netos e Teu Povo.
Ah ! lança lá do Céu a benção Tua
Sobre o mundo ; consola o mundo afflicto....
Faze que o céo nos dê valor, constancia,
Para os males soffrer que nos flagellam ! —
E, se lá do Emyreoo minhas vozes
Gratas te são, acolhe meus suspiros !...
Inspira-me essas phrases lamentosas,
Com que de minha dôr modero as iras ;
Afina a lyra debil que votou-te
O Vate Brasileiro aos Regios Manes !

CANTO II

Elle est, elle est à Dieu.....

LAMARTINE, *Harm. Poet.*

Isabel, que do mundo fugiste,
Tão brilhante, tão bella e tão pura
Como o sol do horizonte, deixando
Sobre o mundo cahir treva escura ;

Isabel, que do mundo fugiste
Como fuge louçã Primavera,
Permittindo que o Inverno desbote
Vastos campos que verdes fizera ;

Isabel, que do mundo fugiste
Como fuge dos ares no véo
Bello Iris, que aos homens declara
A alliança da terra e do céo ;

Se da noite rompendo os negrúmes
Torna o sol no horizonte a nascer,
Com a volta trazendo os prazeres
Que, morrendo, fizera morrer :

Se voltando a gentil Primavera
A' natura dá forças, dá vida,
Que perdêra de frio gelada
Do inverno na capa envolvido ;

Se do Iris a côr tão mimosa
Para sempre se não desvanece,
E depois de nos céos se perder,
Outras vezes nos céos apparece....

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar :
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausencia nos póde matar.

Vestem noite teus filhos, teu throno,
Traja noite teu povo tambem ;
Chovem prantos dos olhos de todos,
Nem verdumes os campos já tem !

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar ;
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausencia nos póde matar !...

Bellas flôres murcharam tristonhas ;
• Tem os troncos tristonho prospecto ;
Aguas turvas sem vida derrama
Na enlutada Campania o Sabeio.

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar :
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausencia nos póde matar !...

Mas, inuteis são preces aos mortos....
Nunca mais, nunca mais voltará
Cá dos homens ao reino infeliz
Quem no reino dos anjos está.

Ri-te, ri-te nos céos, alma sancta ;
Goza, goza eternal f'licidade !...
— Isabel deve rir-se na Gloria,
Deve o mundo chorar de saudade !!!...—

CANTO III

She went to meet her God.

Elegia á Rainha Carolina de Inglaterra.

1º

De Isabel os restos jazem
Lá no recinto sombrio,
No seio da sepultura
Solitario, mudo e frio.
Lá descansa em somno eterno
A Mãi cheia de ternura,
A Rainha que a ventura
Fazia do povo Seu.
Tantas preces, tanto pranto,
Tantas supplicas de amor,
Nada, nada do Senhor
O decreto removeu.

2º

Como juntos d'arvore sancta,
Que por impíos derribada,
Entre os fructos macerados,

Jaz em terra desfolhada,
Choram aves que gozavam
Dos aromas exhalados
Das flôres, dos sazoados
Bellos pomos que brotou ;
Saudosas daquella sombra,
Que do sol na intensidade,
No rigor da tempestade
Os seus dias abrigou.

3º

Isabel, assim a gente
Que viveu tão feliz vida,
Pela sombra do Teu manto
Breves tempos acolhida,
Que o aroma das virtudes
De tua alma desfructára,
Que nos teus filhos depára,
Do seu Deus sancta benção ;
Vendo junto dos Teus manes
Tua prole lacrimosa,
Afflicta, geme chorosa
Na maior consternação.

4º

Chorai, ó povos! chorai !...
Com vosso pranto fazei
Conhecer ao mundo inteiro
Quanto amais ao vosso Rei !
Mostrai-vos gratos a quem
De vosso bem se incumbió,
Que comvosco repartio
Seu pensar e seu viver.
Livre deixai esse pranto,
Que o semblante vos inunda,
Da Rainha sem segunda
Na sepultura correr.

5º

Chorai, que vos acompanha
Do bronze o sagrado som,
Porque o bronze tambem chora,
Quando morre algum Bourbon ;
E cá deste meu Brazil,
Onde, cheia de candura,
De virtudes, de doçura,
De Isabel vive Uma Flôr,
Com elles irão juntar-se,
Transpondo distancia tanta,
Os tristes versos que canta
Brazileiro Trovador.

CANTO IV

Quem como tu, alma angelica !

J. BONIFACIO.

De novo minhas lagrimas queridas
Dos meus olhos correi em liberdade !...
Vinde aplacar as dôres das feridas,

Que da morte alegrando a impiedade,
Me quiz fazer no intimo do peito
O farpão penetrante da saudade.

Comvosco, só comvosco me deleito,
Porque sois as sensiveis companheiras
Do mortal que não vive satisfeito....

De meus olhos correi, correi ligeiras !...
Molhai da minha lyra as cordas tristes,
De minha dôr cansadas pregoeiras !

E vós, ó Natureza ! que me ouvistes,
Erguer o sonoro alegre canto,
Quando de alegres cantos me incumbistes ;

Se agora do pezar me cobre o manto,
Guardai no vosso seio piedoso
As gottas crystallinas do meu pranto!...

Impio, cruel decreto, rigoroso
Nos vassallos e reis, fatal, ferino,
Roubou-nos um presente precioso....

Que ao mundo offertára o Ser Divino.
Feliz ! feliz mil vezes quem pudesse
Arrancar-o do livro do Destino !!!

Por elle d'entre nós desaparece
Um ser, dos Cherubins cópia fiel,
Que rival em virtudes desconhece.

Por elle, na saudade mais cruel
Nos deixou, e cahiu na sepultura,
No reino dos finados... Isabel....

Oh ! lei inexoravel ! sorte dura !...
Extinguiu-se tão cedo desta sorte
Das mãos do Creador obra tão pura !

Quem póde comprehender o poder forte
Com que, do céo zombando impunemente,
Tudo quanto Deus cria extingue a morte?!!...

A natureza inteira o golpe sente
Do seu terrível braço; tudo chora
Debaixo de seu gladio impaciente.

Do universo rispida senhora,
O mundo, como fera insaciavel,
Pela boca dos tumulos devora!...

Oh! vida triste.... vida miseravel!
Julgada pelo Céu enfurecido
Como crime de morte imperdoavel!...

Mas a luz da razão tenho perdido....
Oh! Céu! até que ponto me arrebatas
De meu pezar o impulso desmedido?!...

Suspende, creatura! a voz recata!...
Que do Céu os designios soberanos
Soberba e loucamente desacata!

Oh Isabel! que longe dos humanos
Contas na mais completa f'licidade
Annos por dias, seculos por annos!...

Perdôa se offendi a magestade
De Teu Deus, maldizendo Seus decretos,
Perdôa meus queixumes indiscretos!...
Tudo foi um delirio de saudade!

CANTO V

Aquella noite sempiterna
Cruel, acerba e triste
Que tu..... viste.

P. M. BERNARDES, *floresta.*

De luto vestidos os campos estão,
Envolve as cidades das trevas o véo,
A lua não brilha, as outras estrellas
Sómente povòam a face do céo.

Ninguem se recreia no triste silencio,
Na paz, no socego d'esta solidão ;
Só eu gosto d'ella, por ver no seu rosto
Descripto o retrato do meu coração.

Comtigo me alegre, comtigo meu peito
Combina contente, ó noite sombria !...
Do dia não gosto ; o sol me aborrece :
Nas noites encontro melhor poesia !

O' tu minha lyra, me dize : não é
Da noite no seio mais bello teu som?...
Teus meigos suspiros, teus ais, teus gemidos
Não tem outra vida, não tem outro tom?...

O mundo inquieto, no estrondo que faz,
Succombe teus échos, suffoca-os no ar :
Em seu labyrintho, confuso de dia,
Por mais que lhe falles, não quer te escutar.

Mas quando nas horas remotas da noite
Escuta acordado teu som seductor,
Ouvindo soluços, que dizem saudade,
Que dizem queixumes, que dizem amor....

Qual peito sensível resiste ao poder,
A' doce magia que o vem penetrar?...
E quando termina o toque divino,
Não quer ancioso que torne a voltar?!...

Oh minha adorada ! meu bem ! minha lyra !
Passar não deixemos tão doces momentos!...
Ah ! leva em teus sons ao reino ditoso
As tristes ideas de meus pensamentos!...

Com elles, meus versos, velozes voai !
Aos astros dizei meu mal tão cruel ;
Dos astros parti á santa morada,
Humildes beijai os pés de Isabel.

Mas louco ! não vês que a lyra tangida
Por dextra tão fraca não póde soar
Vozes tão sonoras e tão duradouras
Que possam da terra aos astros chegar ?!...

Que as tristes endeixas, que os cantos humildes
De um vate mesquinho tal força não tem ?...
Que ao céo voam cantos dos bardos celestes,
Que aos bardos da terra só terra convem ?...

Porém, se não podem as vozes da lyra
A par de meus cantos á gloria chegar,
Tu, alma celeste, dos anjos encanto !...
Bem pódes na gloria meu canto escutar !...

Escuta, portanto, meus hymnos saudosos,
Meus hymnos sem flôres, sem ostentação :
Com elles recebe na santa morada
Um culto sincero do meu coração !...

CANTO VI

Una ave sola
Ni canta ni llora.

Lamentaciones del Solitario.

Na primavera da vida
Viu o mundo, sobre o throno,
Isabel apparecer
Tão pura como a innocencia,
Tão bella como o prazer.

Sua alma não era humana,
Era um anjo, que do céu
Todas as graças vestia ;
Seu corpo templo sagrado,
No qual o anjo vivia.

Mas o brilho d'esse templo
O tempo, sempre inconstante,
Pouco a pouco destruiu ;
Sua bella architectura
A ruinas reduziu.

O anjo, que viu cahido,
Em terra desmoronado,
Seu asylo encantador,
Foi buscar outra morada
Na mansão do Creador.

Lá ficou, e para sempre!
E o tempo, algoz cruento,
Só a destroços votado,
Vai consumir as ruínas
Do edificio sagrado.

E a cinzas reduzir
Aquella que viu o mundo
O regio sceptro reger,
Tão pura como a innocencia,
Tão bella como o prazer.

Mas que importa? póde o tempo
Pela morte auxiliado,
Sua existencia ferir;
Hade lá na sepultura
Os seus restos consumir.

Porém triumpham do tempo
Suas heroicas virtudes;
Isabel vive na gloria,
Isabel viverá sempre
Do universo na memoria.

CANTO VII

She is no more, but her
memory will last for ever.

Vida de Lady Kutington.

Potentados soberbos ! vinde, vinde
Ver um quadro sublime,
Onde lampeja a gloria da virtude,
E se aniquila o crime !

Isabel sobre o leito d'agonia
Saúda a eternidade,
Que assentada nos tumulos apaga
A luz da magestade....

Instante acerbo, que ao tyranno causa
Desusado terror,
Porque vai baquear, cahir do throno,
Aos pés de seu Senhor !...

Por ver que no sepulchro se evaporão
Seus queridos emblemas,
Seus mantos, seus palacios e seus thronos,
Seus sceptros, seus diademas ;

Porque vê, como um astro ensanguentado
Em céo ennegrecido,
Sua alma afflicta divagar da morte
No lar desconhecido !...

Instante acerbo, em que p'ra consolo
Nem mesmo os olhos seus
Podem por um momento só fixar-se
Sobre os olhos de Deus !...

E com razão bastante contemplal-os
Não póde o infeliz :
Seus crimes são horrendos, Deus é justo,
E Deus é seu Juiz !!!....

O anathema do céo parece ao triste
Do sacerdote a benção,
E o rosto volta, procurando afflicto
Fugir da maldição !

Isabel vê tranquilla da existencia
O ultimo raiar ;
Nesse instante solemne nada póde
Sua alma perturbar !

A lembrança de throno, que perdia,
 Não a póde affligir ;
Pois lá da sepultura um novo throno
 De gloria vê surgir.

Não é uma rainha que prostrada
 Do solio cahir vai ;
E' a filha feliz que alegre vòã
 Aos braços de seu pai.

Nem sequer uma idéa criminosa
 Lhe mancha o pensamento,
Que, fixado no céo, tranquillo espera
 O ultimo momento.

As costumadas preces de seus labios
 Ao céo iam parar,
E do céo lhe traziam santas graças
 Que a vinham consolar.

Lgrimas verte ; mas quanta virtude
 Expressa pranto tal ?!...
Exprime de seus filhos e do povo
 Saudade maternal.

Das azas de sua alma só penna
 Ao mundo estava presa ;
Que dos filhos no peito segurava
 A mão da natureza !

Despegou-se afinal, vôou da terra
Ao céu leda e serena,
Para o céu nos levou prazer comsigo,
Deixou do mundo a penna.

Só restos insensíveis nos ficaram
D'aquelle ser benigno ;
Sõ este bem nos deixou na terra
O anjo do destino !...

O' povos ! collocai-o n'um funéreo
Eterno monumento ;
Que a vossa gratidão declare aos seculos
O seu merecimento.

Esta inscripção gravai em letras d'ouro
No regio mausoléo ;
« Seu corpo tem altares cá na terra,
« Sua alma lá no céu !... »

HYMNO

HYMNO

CANTADO PELOS ALUMNOS DO INSTITUTO DOS CEGOS
POR OCCASIÃO
DA DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS EM 1863.

SAUDAÇÃO

1º CANTO

Coro.

Gloria aos anjos (*) que firmando
D'este imperio a monarchia,
Contra as iras da anarchia,
Do seu throno a gloria são.

(*) SS. AA. as Princezas Imperiaes.

São duas virgens formosas, (*)
Cujos sublimes destinos
Nos rostos, quasi divinos
Bem retratados estão.

Inda que cegos nem vê-las
Por um momento possamos,
E' assim que as desenhamos
Em nossa imaginação.

Firmes e ledas na vida
Caminham da gloria ao templo,
Guiadas pelo exemplo
Que os pais augustos lhes dão.

O perfume da innocencia
Que das flores d'alma exhalam
Quando riem, quando fallam.
Avassalla o coração.

Quem as ouve, embora a mente
Ao throno se não remonte,
Curva os joelhos e a fronte,
Para beijar-lhes a mão.

SS. AA. as Princezas Imperiaes.

E nos, cegos infelizes,
Quando a dextra lhes beijamos,
Dentro d'alma suffocamos
Um pranto de gratidão.

SUPPLICA

2º CANTO

Tu, Ser no qual dos seres
Sómente o ser consiste !
Que E's ser de quanto existe
Se nutre e reproduz ;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz creados,
Eis-nos aqui prostrados !
A luz, Senhor ! A luz !

A luz, dadiua immensa,
Bella, sublime, santa,
Que déste á terra, á planta,
Ao bruto, aos bons, aos máos !
As nossas mãos tacteam

Abysmo negro e fundo ;
Aos outros déste o mundo,
A nós sómente o cáhos !

Mas Tu E's Ser dos seres
Em que o ser consiste !!
E's Ser de quanto existe,
Se nutre e reproduz ;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz creados,
Eis-nos aqui prostrados !
A luz, senhor ! A luz !

VISÃO

3º CANTO

Silencio ! As trevas desbotam
Seu carregado negror ;
Vai pouco a pouco surgindo
Matutino resplendor.

Por entre nuvens de purpura
Assoma visão celeste,
Real aspecto mostrando
No ar, na fórma e na veste.

Cinge um manto, um sceptro empunha,
Que um dragão tem por emblema ;
Vinte estrellas-sóes flammejam
No circ'lo do seu diadema.

Na dextra suspende um mundo :
Mais vigoroso que Atlante,
Firma os pés, apoia o sceptro
Sobre o dorso de um gigante.

A claridade que o cerca
E' seu olhar que a produz ;
Não vê sómente, dá vista ;
Não tem só, diffunde a luz.

D'essa luz illuminados,
Com pasmo e prazer profundo,
No vulto reconhecemos
Nosso pai — Pedro Segundo.

ALEGRIA E AGRADECIMENTO

4º CANTO

Do corpo os olhos mortos,
Senhor, temos em vida ;
Porém na desabrida
Mágoa do mal atroz,

Celeste medicina
A nossa dôr acalma ;
Propicia aos olhos d'alma
A luz nos vem de vós.

A luz da intelligencia,
Crescente pelo estudo,
Na claridade, em tudo
Que a outra vale mais.
A luz externa a tudo
Concede a providencia ;
A luz da intelligencia
Só toca aos racionaes ;

E esta vos devemos.
O cego desvalido
Por vós hoje instruido
Calcula, escreve e lê,
Se em trevas tropeçando
Só tem no mundo escolhos,
Aos céos levanta os olhos,
E vê o que alma vê.

Monarcha no poder
Monarcha na bondade,
Na dupla magestade
Com que sois rei, senhor,
Se tendes quem beijar-vos
A mão de rei deseje,

Mais tendes quem vos beije
A mão de bemfeitor.

E quanto as obras vossas
Por Deus são estimadas,
Na esposa e prole amadas
Mais que patente está ;
Nas ditas, na ventura
Que tendes no seu gremio,
Dos bens que dais, em premio
Na terra, o céo vos dá.

Deste reinado a historia
De gloria e flicidade,
Para adorar-vos hade
O mundo inteiro ler.
Hão de escrevê-la sabios
De meritos subidos,
Mas hão de os desvalidos
A mór parte escrever.

Então, tambem louvando
Voss'alma bemfazeja,
Um cego que mais veja,
Dos muitos que aqui estão
(Talvez em prosa altiva,
Ou sublimado metro),
Dira que o vosso sceptro
Dos cegos foi bordão.

INDICE

das

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME

INTRODUÇÃO

I. Advertencia sobre a presente edição.....	7
II. Juizo critico dos escriptores nacionaes	11
III. Noticia sobre Laurindo Rabello e suas obras.....	17
IV. Poesias á memoria de Laurindo Rabello.....	37
V. Notas.....	51

POESIAS

O que são meus versos.....	67
O meu segredo.....	69
O genio e a morte.....	81
No album de uma senhora.....	89
Estragos de amor.....	91
Minha resolução.....	98
A linguagem dos tristes.....	101
A José Pedreira França.....	105
A morte do Dr José de Assis.....	111
Sobre o tumulo do marechal Labatut.....	120
Adeus ao mundo.....	125
A minha vida.....	132
O que sou e o que serei.....	137
Amor e lágrymas.....	142
A saudade branca.....	145
Ao meu amigo e mestre o Sr. F. Moniz Barreto.....	150
A' Babia.....	154
A morte de Junqueira Freire.....	160
Amor perfeito.....	162
Dous impossiveis.....	165
Não posso mais.....	168
As duas redempções.....	172
Ao Sr. João Antonio da Trindade.....	176

A S ^{ra} . D. Theresa Maria Caetano da Trindade.....	180
Suspiros e saudades.....	182
Os dous baptizados.....	185
O desalento.....	188
A' terra natal.....	190
• Saudades.....	192
Ao meu amigo F. de Paula Brito.....	196
Bando.....	200
Ao avistar as terras de Rio de Janeiro.....	204
Ao dia dos finados.....	206
Ultimo canto do cysne.....	210

IMPROVISOS

As potencias do Occidente.....	215
O que faz minha dor.....	217
O Pharol da liberdade.....	219
A minha mulher.....	222

SONETOS

Leandro e Hero.....	226
A uma inconstante.....	• 227
A uma infeliz.....	228
A uma senhora.....	229
A S ^{ra} Marieta Landa.....	230
A mesma S ^{ra}	231
A mesma S ^{ra}	232

SEPTENARIO POETICO

Canto I.....	237
Canto II.....	240
Canto III.....	243
Canto IV.....	246
Canto V.....	249
Canto VI.....	252
Canto VII.....	254
Hymno cantado pelos alumnos do Instituto dos cegos.	261



